



atos

do conselho geral

ano LXX — julho-setembro, 1989

n. 330

órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana

ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 330

ano LXX

julho-setembro

1989

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. Pe. Egdio Viganó O Centenário de Dom Bosco e a nossa renovação 3
	1.2. Lembrando o ministério do Pe. Luís Ricceri à Família salesiana 39
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. Pe. Paulo Natali Introdução à leitura da Carta Apostólica "Vicesimus quintus annus" 47
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 54 4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais 54
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Aprovação do texto próprio para a Profissão Religiosa da nossa Sociedade 64 5.2. Irmãos falecidos 64

Tradução:

Pe. Ervino Martinuz

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Oscar Horta, 55/59

03105 — São Paulo - SP.

Tel.: (011) 277-3211

Telex: (011) 32.431 ESPS BR

1. CARTA DO REITOR-MOR

1.1 O CENTENÁRIO DE DOM BOSCO E A NOSSA RENOVAÇÃO

Introdução — Um rápido olhar às celebrações: Ano jubilar: entusiasmante adesão juvenil; Estima das autoridades civis; Estudos e publicações; Manifestações artísticas, culturais e esportivas; Experiências vividas na Congregação; Vitalidade da Família Salesiana; Interesse dos Bispos e de tantas comunidades diocesanas e paroquiais; Viva participação do Santo Padre. — Algumas prioridades a serem cuidadas: A nossa dimensão eclesial; A urgência da educação cristã da juventude; O interesse e a qualificação para um Projeto-Leigos; Uma presença evangelizadora mais atualizada na comunicação social. — A impressão dominante: “um acontecimento de graça”. — O primado da “interioridade apostólica”. — A surpreendente vitalidade da Família Salesiana — O Movimento juvenil. — O envolvimento laical. — A dimensão mariana. — A devoção a D. Bosco Santo. — Os dois grandes compromissos por nós assumidos: Estréia/89; o CG23. — Conclusão.

Turim-Valdocco: Solenidade de Maria Auxiliadora
24 de maio de 1989

Queridos Irmãos,

passaram-se só alguns meses da conclusão do Centenário “DB88”. Foi um acontecimento de grande interesse para todos nós e para toda a nossa Família.

Convido-os a refletir sobre o seu significado de vida e sobre as suas perspectivas de ação. Acredito que não seja prematuro tentar fazer uma espécie de primeiro balanço que sirva para reforçar a nossa identidade salesiana no Povo de Deus e a nossa dimensão missionária no mundo. O centenário marcou sem dúvida alguma todo o nosso processo de renovação. Podemos considerá-lo como uma etapa de valor histórico colocado no final do longo período pós-conciliar de redefinição da nossa vocação de filhos de Dom Bosco (através dos três grandes Capítulos Gerais: XX, XXI, XXII); ela marca a passagem de uma época de busca e de crise para uma outra de renovada consciência vocacional e de uma maior e audaz iniciativa pastoral e missionária. Isto parece-me aflorar dos fatos, das múltiplas esperanças suscitadas e dos propósitos formulados.

Certamente, não podemos fazer do 88 um espécie de marco cronológico, porém ele aparece sem dúvida como o tempo e o espaço em que apareceram os frutos do anterior delicado e partilhado trabalho da Congregação e de toda a Família Salesiana; os valores perenes herdados de Dom Bosco e da tradi-

ção se não fossem aprofundados e expressados na modalidade própria dos tempos, de fato, não seriam mais compreensíveis.

Neste sentido devemos dizer que o centenário foi verdadeiramente um “ano de graça” em que Dom Bosco, reafirmando a qualidade do seu carisma, em certo sentido, deixou sua assinatura em nossa carteira de identidade pós-conciliar.

De verdade devemos reconhecer que os grandes Santos são a juventude da Igreja: eles, que viveram no passado, são homens do futuro, testemunhas da ação transformadora, cheia de novidade, própria do Espírito do Senhor.

Um rápido olhar às celebrações

É impossível, e também não é tarefa de uma carta de reflexão espiritual, fazer uma lista de tudo o que foi realizado nas Casas, nas Inspetorias, nos vários Países, nas Regiões e em nível central de Família Salesiana e de Igreja. Acredito seja útil acenar em primeiro lugar aos principais acontecimentos, também se de maneira muito resumida, porque sobre eles se concentram depois várias reflexões.

— *Preparação do Centenário.* Começou-se a projetar as celebrações logo após o CG22 (1984). Já havia algumas propostas e iniciativas anteriores, mas era necessário esperar a eleição do Reitor-Mor e do seu Conselho pelo Capítulo Geral. Imediatamente foram estabelecidos os objetivos e foram escolhidas Comissões especiais formadas por representantes dos vários grupos da Família Salesiana nas Inspetorias; em Roma também foi construída uma Comissão central de coordenação presidida pelo Vicário Geral, P. Gaetano Scrivo. Esta procurou em tempo útil elaborar e fixar um programa bem amplo, escolhendo também os responsáveis pelos respectivos setores. O trabalho foi intenso, sobretudo para o presidente da Comissão central que comprometeu sua saúde para o feliz êxito das celebrações. Como sabemos, de fato, o P. Scrivo sofreu um enfarte quase no final das celebrações: devemos ser a ele muito gratos.

Se queremos lembrar os passos principais deste período (em nível central), podem ser lidas, nos Atos do Conselho Geral,

algumas cartas do reitor-Mor¹ e várias comunicações do Vicário Geral².

Quisemos unir memória e compromisso, evitando “duas atitudes opostas, mas ambas desviantes: um triunfalismo anacrônico e portanto hoje incompreensível, de difícil aceitação e de efêmera incidência; e um reducionismo incapaz de viver o Centenário como acontecimento, através do qual o Espírito Santo, que suscitou com a intervenção de Maria, São João Bosco, nos pede para aprofundar o nosso compromisso de sermos ‘Dom Bosco vivo’ no nosso tempo”.

Houve também um detalhado planejamento de tipo logístico com a necessária melhoria (também dispendiosa) dos lugares de Dom Bosco: Valdocco e, sobretudo, o Colle dos Becchi, para torná-los mais acolhedores e significativos para a finalidade das romarias.

E aqui vai um especial agradecimento ao Ecônomo Geral, P. Omero Paron e a todos aqueles que colaboraram com generosidade.

— *Ano jubilar*. Com o “Breve Apostólico” o Santo Padre proclamou para o 88 um especial ano jubilar, enriquecido de graças e de indulgências para celebrar o testemunho de santidade de Dom Bosco e para obter especiais auxílios pela sua intercessão³. As sete igrejas indicadas inicialmente no Breve, a Penitenciária Apostólica sucessivamente concedeu a faculdade de acrescentar numerosas outras em cada um dos continentes (também na URSS: Bielorrússia, Geórgia, Lituânia, Ucrânia), e assim favorecer com as vantagens do jubileu tantos jovens e fiéis de todas as latitudes.

Isto promoveu uma extraordinária variedade de iniciativas espirituais e de romarias que caracterizaram todos os meses do Centenário. As manifestações mais intensas e maciças verificaram-se em Turim-Valdocco e nos Becchi — “Colina das bem-aventuranças juvenis” — (sem esquecer as muitas manifesta-

¹ ACC n. 313, “Dom Bosco 88”; ACG n. 319, “O 88 nos convida a uma especial renovação da Profissão”; ACG n. 323, “De Pequim rumo ao 88”.

² ACG n. 317, “A todos os responsáveis dos vários Grupos da Família Salesiana”, em apêndice o Tema geral com um roteiro de reflexão; ACG n. 321, “Sábado, 14 de maio de 1988; dia da Profissão salesiana”; ACG n. 325, “Sobre o Debate DB88”.

³ Cf. ACI n. 321 pág. 70-72

ções populares, em particular na basílica de Dom Bosco no Panamá e no seu templo em León, no México.

O impacto dos lugares de Dom Bosco e uma sadia teologia das romarias e dos santuários contribuíram para dar a estes acontecimentos um caráter de transcendência. A romaria, de fato, enquanto lembra o mistério de Cristo-caminho, testado por uma rica prática através dos séculos, possui a característica de um “sacramental” da Igreja — perita em humanidade e mestra do Evangelho — e faz praticar vitalmente a pedagogia da conversão.

Entre as romarias mais significativas nos lugares de Dom Bosco devemos assinalar aquela de todos os Oratórios paroquiais de Milão, de várias dioceses italianas e europeias, lideradas pelos seus Bispos, de numerosos grupos europeus com longa tradição salesiana, de muitas representações dos vários continentes. Merecem uma particular menção as romarias da Polónia, da Iugoslávia e da Hungria, do Médio e do Extremo Oriente, da América, os numerosos grupos da Família Salesiana da Espanha com as Associações de Maria Auxiliadora e o “Campo Bosco” nacional.

Subiram para rezar ao Colle Don Bosco mais de um milhão de romeiros, na maioria jovens.

Revalorizou-se assim, sobretudo entre os jovens, a tradicional prática da romaria cristã que, numa época de turismo consumista, valorizou o sentido da oração, da presença histórica e geográfica do sagrado, da frequência aos sacramentos e, neste caso, do modelo de santidade apostólica específica de Dom Bosco e da sua poderosa intercessão particularmente na obra da educação.

— *Estimulante adesão juvenil.* Entre os objetivos específicos das programações havia o do envolvimento em profundidade da juventude com a colaboração de várias forças pastorais e pedagógicas da nossa Família. O “Confronto DB88” em Turim devia ser a expressão máxima.

O tema a ser aprofundado era “Os jovens na Igreja para o mundo” seguindo as grandes orientações do Concílio Vaticano II. O Centenário envolveu todas as Inspetorias neste interessante trabalho. Aconteceram numerosas iniciativas em nível local; realizaram-se interessantes encontros (congressos ou con-

cílios) juvenis nacionais, sobretudo em vários Países da América Latina (Argentina, Antilhas, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai, etc.), na Espanha e em outras nações. Foram promovidas especiais jornadas de convivência e de reflexão, organizados retiros espirituais, elaborados temas de estudo e vários concursos, celebradas festas juvenis e torneios esportivos. Pode-se dizer que cada Inspeção ou região organizou manifestações de alto conteúdo formativo. O sucesso do “Confronto DB88” foi a coroação de todo este trabalho; foi como que a proclamação — pelos próprios jovens — de um caminho a ser percorrido com fantasia criativa e com profundidade eclesial.

Ultrapassou-se em larga escala o que inicialmente se havia previsto e iniciado durante o biênio de preparação. Os jovens demonstraram-se verdadeiros protagonistas de uma renovação da consciência de fé em Cristo, da capacidade e seriedade do compromisso, das suas concretas e corajosas possibilidades apostólicas. A peculiar santidade cultivada por Dom Bosco os atraiu e os inspirou; a sua espiritualidade demonstrou-se atual e promissora, com uma experiência rica de crescimento nas novas condições culturais. Para este precioso resultado concorreram animadoras e animadores muito preparados pertencentes aos vários Grupos da Família Salesiana.

Outras expressões maciças e alegres de jovens, ricas de reflexão e oração, foram vistas — para lembrar só algumas — no Colle Don Bosco, no Estádio municipal de Turim, no coliseu de Verona, nos estádios de Manila, de Querétaro e em tantas outras cidades.

— *Estima das autoridades civis.* Em nível central tinham sido programados dois momentos significativos na área social: um no Teatro Régio de Turim para a abertura oficial do Centenário, e um outro em Roma no Campidoglio no seu encerramento. Na realidade houve muitíssimos e em todas as partes do mundo: manifestações promovidas por diferentes Países, Congressos Nacionais, Cidades, Universidades, Associações, Clubes, Grupos do mundo da cultura e do trabalho, até Sindicatos e Partidos políticos; construções de igrejas e monumentos públicos; dedicação de ruas e de praças; emissão de selos; títulos de cidadão honorário ao Sucessor de Dom Bosco; entrega de medalhas de ouro e de prata por méritos pedagógicos;

numerosas comemorações na televisão, no rádio e na imprensa; etc.

Seria interessante lembrar, como exemplos, em Brasília a celebração promovida pelo Governador; em Portugal a presença do Presidente da República na inauguração do Centenário e do Ministro da Justiça no encerramento; na Argentina a iniciativa do Presidente da República que declarou de interesse nacional as comemorações centrais do Centenário; no Uruguai a homenagem a Dom Bosco prestada pelo Congresso Nacional; na Índia a presença do primeiro ministro Rajiv Gandhi no dia da emissão do selo comemorativo; na Itália a visita do Presidente da República a Valdocco, a fervorosa e agradecida adesão do ex-Presidente Sandro Pertini, a comemoração do Ministro do Exterior no Campidoglio, a iniciativa do Rotary Clube no teatro Novo de Turim e as celebrações em várias cidades: Milão na Scala com a participação do Presidente do Senado Giovanni Spadolini, Nápoles no teatro São Carlos, Palermo no Palácio dos Normandos, Bolonha no Teatro municipal, e depois interessantes atividades e encontros de estudo em várias Universidades.

Pode-se dizer que consolidou-se uma visão da personalidade de Dom Bosco nos aspectos humanitários e sociais da sua obra e da sua missão: um Santo que é cidadão benemérito porque utilizou as suas múltiplas qualidades e a sua genialidade pedagógica na promoção do bem no meio da sociedade.

— *Estudos e publicações.* Em quase todos os lugares foram promovidas jornadas de estudo e publicadas obras nas mais diferentes línguas sobre a personalidade de Dom Bosco, sua obra, seus aspectos espirituais, pastorais, pedagógicos e sociais. É impossível apresentar uma lista completa: desde a divulgação popular à pesquisa histórica e à sua projeção eclesial e cultural.

Podemos lembrar algumas: os dois volumes de *“Don Bosco nel mondo”* de Marco Bongiovanni (traduzidos em outras línguas); *“Don Bosco nella storia della cultura popolare”* aos cuidados de Francesco Trainello; *“L’esperienza pedagogica di Don Bosco”* de Pietro Braido (traduzido em várias línguas); *“Don Bosco e la musica”* de Maria Rigoldi; *“Don Bosco nella fotografia dell’800”* de Giuseppe Solda; *“Giovanni Bosco studente”* de Secondo Casella; *“Scritti pedagogici e spirituali”*

pela editora LAS; "*Scritti spirituali*" de Joseph Aubry (reedição); "*Don Bosco, attualità di un magistero pedagogico*" aos cuidados de Roberto Giannatelli; "*Pensiero e prassi di Don Bosco nel primo Centenario della morte*" número único da revista Salesianum (quase 300 páginas); "*Parola di Dio e carisma salesiano*" resultado do Encontro internacional dos nossos Biblistas; "*Studi su San Giovanni Bosco*" fruto do Primeiro Congresso internacional de alto nível acadêmico realizado na UPS; a obra "*Torino e Don Bosco*" em três volumes do Arquivo Histórico da cidade, aos cuidados de Giuseppe Bracco; "*Don Bosco Fondatore*" síntese do Simpósio realizado na Casa Geral de Roma; a nova biografia "*Don Bosco, storia di un prete*" de Terésio Bosco, com numerosas traduções, até em língua russa; todo o catálogo da LDC sobre Dom Bosco, rico de textos e subsídios audiovisuais; alguns estudos do Instituto Histórico Salesiano; etc. (Pedimos desculpas pelos numerosos livros não citados!).

Também a Faculdade de Ciências da Educação "Auxilium", das Filhas de Maria Auxiliadora, contribuiu de várias maneiras: estudos e contribuições seja na "*Rivista di Scienze dell'Educazione*", por exemplo, sobre o projeto de paternidade Dom Bosco⁴ e como mestre da nova educação⁵; e, de maneira particular, os dois interessantes livros: o primeiro de Maria Piera Manello, "*Madre ed educatrice. Contributi sull'identità mariana della Figlia di Maria Ausiliatrice, per una pedagogia mariana nell'anno centenario*"; e o outro de Antonia Colombo, "*Verso l'educazione della donna oggi*", Atos do Congresso internacional promovido por ocasião das celebrações centenárias.

Quero lembrar com gratidão o corajoso trabalho do P. Basílio Bustillo (Madri) para terminar a desejada tradução das Memórias Biográficas em espanhol.

Houve também além da divulgação, uma paciente e cuidadosa obra de pesquisa e de aprofundamento, que abriu concretos espaços a novos estudos. Não faltaram também algumas poucas publicações críticas, talvez discutíveis, que porém contribuíram de alguma maneira para uma maior objetividade e seriedade de reflexão.

⁴ Gertrud Stikler, n. 25/1987

⁵ Piera Cavaglià, n. 26/1988

— *Manifestações artísticas, culturais e esportivas.* Neste setor devemos lembrar em primeiro lugar o filme “*Don Bosco*” de Leandro Castellani e outros documentários, entre os quais em particular “*Giovanni, il ragazzo del sogno*” feito pela SAF de Turim. Além disso devemos assinalar duas obras musicais de especial valor artístico: o concerto sinfônico do maestro Marek Kopelent (tcheco) apresentado no teatro Régio de Turim, e o oratório musical do maestro William Rabolini (SDB) no Teatro São Carlos de Nápoles.

Abundante foi a produção de peças musicais: na Argentina, no Chile, na Espanha, Filipinas, Itália e outros Países.

As canções, os concursos, as exposições, os teatros, as competições esportivas e tantas expressões juvenis e populares fizeram intuir o encanto que ainda hoje desperta a figura de Dom Bosco, especialmente entre a juventude. Foi apresentado de mil maneiras à opinião pública. Como não lembrar a escalada do monte Aconcágua, o cume mais alto da América, com a colocação de uma placa comemorativa; a etapa da volta ciclística da Itália por profissionais e amadores ao Colle Don Bosco para homenagear o centenário?

Merece uma lembrança também a bênção da primeira pedra da nova “*Biblioteca Dom Bosco*” da UPS de Roma, chamada familiarmente a “*Universidade de Dom Bosco para os jovens*”; servirá para promover a seriedade da cultura entre os jovens e o povo do bairro, além dos frequentadores da Universidade.

— *Experiências vividas na Congregação.* Todas as comunidades inspetoriais e locais promoveram qualificadas atividades sobretudo para melhorar a fidelidade ao Espírito do Fundador, para melhor atualizar a sua missão juvenil e popular, intensificar a comunhão e a colaboração dos Grupos da sua Família, lançar um Movimento juvenil com profundidade eclesial. Dois momentos muito significativos, preparados durante muito tempo com a reflexão e a oração, foram: a renovação da Profissão salesiana de todos os irmãos no dia 14 de maio, e a Profissão perpétua de 126 jovens SDB e FMA na basílica de Maria Auxiliadora em Valdocco, no dia 8 de setembro. Estes momentos espirituais quiseram testemunhar a íntima adesão de todos ao querido Pai e Fundador e a atualidade do seu espírito e da sua missão nos novos tempos. Também hoje, como aqueles primeiros 22 jovens de 1862, queremos estar com Dom Bosco para

partilhar a sua experiência do Espírito Santo vivificada pelo “da mihi animas”, o seu estilo evangélico e a sua metodologia pedagógico-pastoral da bondade.

Foram organizados especiais cursos de Exercícios espirituais para conhecer e viver melhor o carisma de Dom Bosco. O próprio Reitor-Mor comprometeu-se na pregação de vários cursos a muitos Diretores da América Latina, da Índia e do Extremo Oriente sobre o tema da “Interioridade apostólica”, ou seja daquela “Graça de unidade” que caracteriza toda a nossa vida consagrada.

Muitos foram os dias e os encontros de estudo; foram publicados cadernos de formação, subsídios litúrgicos, meditações, orações, etc. Em muitas partes houve o compromisso de relançar o Oratório, iniciar novas presenças entre a juventude necessitada, intensificar o compromisso missionário, promover a dimensão mariana, fazer com que a nossa pastoral entre a juventude encontre o caminho de um vivo Movimento de fé cristã.

Evidentemente os irmãos foram os principais animadores e organizadores de muitas das celebrações realizadas. Deve-se acrescentar que as Inspetorias participaram, cada uma de acordo com as suas possibilidades, ao chamado “Fundo 88” para ajudar a resolver os problemas econômicos das celebrações.

Cresceu na Congregação o desejo de buscar as motivações profundas da própria escolha vocacional e despertou-se a consciência do encanto que Dom Bosco continua a exercer.

Pareceu-nos de entrar num clima de primavera e de renovado entusiasmo que ajuda a atravessar com esperança as dificuldades do nosso tempo, como são algumas miragens ideológicas e a diminuição, nalgumas partes, das vocações.

— *Vitalidade da Família Salesiana.* Um dos aspectos verdadeiramente admiráveis do Centenário foi a participação ativa da Família Salesiana, seja em cada um dos Grupos, seja na comunhão e colaboração de todos juntos.

Significativo foi o simpósio sobre Dom Bosco Fundador com a presença dos responsáveis de cada Grupo.

As Filhas de Maria Auxiliadora tiveram várias iniciativas de especial densidade espiritual, apostólica e pedagógica. Promoveram com entusiasmo a participação sobretudo da juventude

feminina e viveram, como dia maior, a beatificação de Laura Vicuña no Colle Dom Bosco.

Os Cooperadores realizaram Congressos regionais e nacionais; cresceram em número e intensificaram os compromissos formativos, cuidadosamente estudados na reunião da sua Consulta mundial em Roma. Voltaram-se com esperança para as orientações do Vaticano II, tão rico para a aplicação do seu Regulamento de Vida Apostólica.

Foram promovidos com fruto vários encontros dos Delegados e das Delegadas dos Cooperadores em várias regiões e nações. É digno de nota o 1.º Congresso nacional espanhol dos “Hogares Don Bosco” para a animação cristã dos jovens casais e de suas famílias, que reuniu em Madri quase umas mil cópias.

Os Ex-alunos e as Ex-alunas organizaram e celebraram o seu 1.º Congresso mundial juntos, na perspectiva de uma maior comunhão. Os Ex-alunos também realizaram outros congressos e encontros em vários níveis. Organizaram exposições e concursos; em particular: montaram uma exposição internacional de arte em Roma, promoveram debates nos meios de comunicação social; demonstraram criatividade e gratidão. É preciso dizer que uma das coisas que mais chamou à atenção e surpreendeu foi a participação e a colaboração de muitos Ex-alunos de fato que, também se não inscritos na Associação, sentiram-se vitalmente envolvidos pelo Centenário.

Também cada um dos outros Grupos, em particular o das Voluntárias de Dom Bosco, aprofundou com alegria os seus laços vocacionais com o espírito comum. Particularmente fecundo foi o encontro com as Superiores gerais dos Institutos de vida consagrada fundados por Salesianos.

Mas além das iniciativas de cada grupo, é preciso assinalar a extraordinária vitalidade e a eficácia da mútua comunhão enquanto Família. Constatou-se isso sobretudo no ápice das celebrações em Turim com a presença do Santo Padre (Colle Don Bosco, Valdocco, Estádio municipal) e também, por exemplo, nas do México (em Querétaro), coordenadas pelas quatro Inspetoriais (duas SDB e duas FMA) com admirável união de esforços. A Família Salesiana proclamou e celebrou também a importância da dimensão mariana do nosso carisma.

Quantas coisas foram feitas e quantas poderão ser feitas ainda em muitos lugares, com esta união de intenções, seguin-

do o nosso lema “prá frente e unidos!”. Cresceram, durante o Centenário, uma mentalidade e uma atitude de Família Salesiana mais concretas e atuantes.

— *Interesse de Bispos e de numerosas comunidades diocesanas e paroquiais.* O centenário teve também uma extraordinária ressonância eclesial: eminentíssimos cardeais, bispos, núncios apostólicos, párocos, sacerdotes com cuidados pastorais, dioceses, comunidades de fiéis, associações de leigos, religiosos e religiosas de numerosos Institutos quiseram celebrar Dom Bosco como providencial dom de Deus para o bem da juventude sobretudo popular.

Primeiro entre todos devemos lembrar o arcebispo de Turim, cardeal Anastásio Ballestrero, com grande coração pastoral e aguda sabedoria espiritual, que propôs o ano jubilar dedicado a Dom Bosco e interessou-se eficazmente para obter a visita do Papa em Turim e arredores. Viveu em primeira pessoa as várias etapas das celebrações: abertura e encerramento do Centenário com todos os Bispos do Piemonte, homilias e palavras oportunas por ocasião da visita do Santo Padre; preciosas reflexões sobre a identidade salesiana, sobre a urgência da pastoral juvenil, sobre o relançamento do Oratório, sobre a originalidade e exemplaridade do ministério sacerdotal de Dom Bosco.

Também o cardeal Carlos Maria Martini de Milão escreveu cartas pastorais muito significativas e teve a bondade, em honra de Dom Bosco e de sua pastoral pedagógica, de aceitar o Doutorado “Honoris causa” na Faculdade de Ciências da Educação da nossa Universidade de Roma.

É também significativo que a Comissão da Conferência Episcopal italiana tenha desejado celebrar em Valdocco o dia nacional da Pastoral dedicando-o à juventude.

Não é possível fazer uma lista dos cardeais, arcebispos e bispos que se manifestaram em diferentes partes do mundo; até Conferências episcopais nacionais e regionais mandaram sua mensagem. Suas cartas pastorais e alocuções sobre Dom Bosco são inúmeras. Na Espanha, por exemplo, são tantas e tão significativas ao ponto de sugerir a iniciativa de reuni-las e publicá-las num especial volume da BAC. Muitos bispos lideraram também expressivas romarias diocesanas aos lugares de Dom Bosco ou aos templos designados para o jubileu.

Em várias nossas Inspetorias ofereceu-se um válido material bíblico, biográfico e pastoral-pedagógico aos sacerdotes e aos responsáveis pelo apostolado comunitário para encontros de oração, dias de estudo, atividades celebrativas, liturgias festivas, informação e reflexão nos seminários, nos vários centros de formação, nas reuniões juvenis.

Não podemos esquecer a presença de mais de 60 entre cardeais e bispos salesianos na abertura do Centenário, com um simpaticíssimo diálogo fraterno com o reitor-Mor e uma solene Eucaristia no templo dedicado a Dom Bosco no Colle a 1.º de fevereiro.

Constatou-se que Dom Bosco e o seu carisma não são “propriedade particular”, mas um verdadeiro presente de Deus e de Nossa Senhora a todo o Povo de Deus na sua exigente missão de educação e de evangelização da juventude.

— *Viva participação do Santo Padre.* Foi este um presente não previsto nas nossas programações iniciais, mas recebido com imensa alegria e preparado com muita atenção e renovado interesse. Foi o próprio Papa que o quis para agradecer e por convicção pessoal: “Dom Bosco é um dos grandes Santos da Igreja — me disse —. É preciso fazer ressaltar sua originalidade e sua missão profética”. A participação do Sucessor de Pedro foi certamente o momento mais alto e memorável das celebrações, dando-lhes uma autêntica dimensão de eclesialidade e iluminando com a máxima autoridade a sua mensagem espiritual, pastoral, pedagógica e social.

Lembremos as intervenções mais relevantes e eloquentes:

- o Breve para anunciar o Ano jubilar;
- a preciosa Carta “*Juvenum Patris*”;
- a peregrinação de dois dias e meio aos lugares de Dom Bosco;
- a solene beatificação de Laura Vicuña nos Becchi;
- as numerosas aluções e homilias;
- as especiais audiências;
- a outorga oficial a Dom Bosco do título universal “*Iuventutis Pater et Magister*”;

— o animador discurso conclusivo ao Reitor-Mor com o sen Conselho a 4 de fevereiro de 1989.

O Papa quer bem à Família Salesiana e a Família Salesiana continua a tradição de adesão convicta e atuante ao ministério de Pedro.

Devemos estar profundamente agradecidos a S.S. João Paulo II por tudo aquilo que fez em favor do centenário e durante o seu desenvolvimento. Apresentou com autoridade a peculiar estatura de Dom Bosco na Igreja e lançou com entusiasmo o seu carisma na direção do terceiro milênio. Devemos saber aproveitar de seu testemunho e das suas indicações.

Algumas prioridades a serem cuidadas

O centenário, devo sublinhá-lo, revelou a presença marcante dos irmãos e dos membros da Família Salesiana. Se os seus filhos e as suas filhas de hoje não fossem impregnados de sua paixão educativa e apostólica, de sua ânsia pela salvação da juventude e de sua forte adesão à sua pessoa de Pai e Mestre, o Centenário não teria tocado os pontos altos de que lhes falei. Sem uma Família viva, talvez não teria existido um Dom Bosco vivo, ao menos na medida que lhe compete. Esta constatação positiva trás consigo porém questionamentos e desafios, que cada um deve honestamente enfrentar.

Uma leitura mais aprofundada e mais dócil à voz do Espírito deve reconhecer que as celebrações centenárias nos levaram também a individualizar carências espirituais, pastorais, culturais e pedagógicas. Foram uma ocasião para avaliar e poder elevar a qualidade da nossa vida e da nossa ação. Fomos fortemente estimulados a superar o perigo de parar nas “coisas” e nas “estruturas”, sem dúvida também elas indispensáveis, para ir com consciente seriedade até à profundidade do carisma. Experimentamos um forte impulso para frente, um momento de serenidade e de tomada de consciência do verdadeiro espírito salesiano, do atrativo permanente do Fundador, da confiança e apreço pelo seu projeto evangélico, o entusiasmo de nos sentir participantes da sua missão, de uma maior comunhão fraterna, de grande esperança no processo global de renovação.

Mas também percebemos algumas nossas deficiências.

Parece-me útil individualizar algumas com vistas à nossa renovação.

Dom Bosco nos convida a melhorar, entre outros, os seguintes aspectos: a nossa dimensão eclesial, a urgência de educação cristã da juventude; interesse atento e qualificado para um “Projeto-Leigos”; e uma mais atualizada presença evangelizadora na comunicação social.

— Em primeiro lugar *a nossa dimensão eclesial*. Se existe um aspecto que mais se destacou no ano de 1988 é exatamente o da eclesialidade de Dom Bosco e da sua obra. O sentido da Igreja universal e o compromisso concreto na Igreja particular, apareceram como duas dimensões inseparáveis, que devem ser cuidadas em seus desdobramentos complementares.

O Concílio Vaticano II acentuou o mistério da Igreja; pede que nos sintamos e vivamos como corresponsáveis pela grande missão comum, dedicando-nos a tornar mais transparente o nosso carisma no território em que estamos inseridos. Isto comporta toda uma nova modalidade de projeto pastoral que corrige defeitos, requer criatividade renovadora nas obras, sensibilidade pelas novas e urgentes presenças, coordenação e colaboração com outros agentes locais.

O 88 deve nos mover para que todos compreendam, na prática, que somos (apesar das nossas limitações) um verdadeiro dom de Deus para a Igreja local, seguindo os valores e as finalidades da índole própria do projeto apostólico de Dom Bosco.

— *A urgência da educação cristã da juventude* foi sem dúvida um dos questionamentos mais claros das celebrações e reflexões centenárias.

O Papa e os Pastores já o estão repetindo há vários anos e com preocupada insistência. Os próprios jovens sentem fome dos grandes ideais proclamados por Cristo, infelizmente e tragicamente ausentes numa civilização atingida por um sutil ar de materialismo. O Centenário nos levou a escolher esse urgente problema nos trabalhos do nosso próximo Capítulo Geral.

Compreendemos que Dom Bosco não teria ficado tranqüilo se a sua práxis educativa não pudesse ser ainda uma “pedagogia

de santidade”, em que Jesus e Maria não fossem os grandes amigos da atual juventude, Uma renovada e aprofundada valorização da “preventividade” deverá continuar a enriquecer a práxis educativa salesiana.

Quanto temos que recuperar e inventar neste vasto campo!: a qualidade dos educadores, a inspiração dos projetos, a estrutura cristã do método, a corajosa exequibilidade das propostas, o cuidado com o clima de família e a atmosfera pastoral dos ambientes. Deve ser derrotada entre nós uma superficialidade espiritual e pedagógica que impediria a verdadeira fidelidade ao Fundador.

— *O interesse e a qualificação para um “Projeto-Leigo”.* O Centenário também evidenciou a importância da presença ativa dos leigos na Nossa Família. A recente Exortação Apostólica “Christifideles laici”, fruto do Sínodo de 1987, veio confirmar a prioridade pastoral deste aspecto no processo de renovação eclesial. Dom Bosco privilegiou com crescente convicção o trabalho salesiano de animação e envolvimento espiritual e apostólico dos leigos. Nos grandes Capítulos Gerais do pós-Concílio reconfirmamos com clareza a vontade de sermos os continuadores do projeto do Fundador neste campo. Demos alguns passos, mas não em todos os lugares. Existe uma carência de adequada mentalidade conciliar a esse respeito entre não poucos irmãos. É preciso intensificar a formação dos nossos quadros, preparar pessoas convictas e hábeis, organizar melhor e estimular os organismos inspetoriais de animação sobretudo as Associações dos Cooperadores e dos Ex-alunos.

— *Uma presença evangelizadora mais atualizada na comunicação social.* Durante o Centenário fui convidado pelas autoridades municipais de Mathi para visitar a famosa máquina para fazer papel comprada por Dom Bosco: ela existe ainda hoje, tecnicamente melhorada (pertence a uma indústria finlandesa), ainda hoje marcada pela lembrança viva dele. Ele quis se colocar neste setor da comunicação-imprensa, como dizia, “na vanguarda do progresso”.

As iniciativas de comunicação social da nossa Família contribuíram notavelmente para o sucesso do Centenário: elaboração de subsídios apropriados, coordenação de uma Sala de Imprensa com os centros italianos e estrangeiros, congresso internacional dos Editores salesianos, primeiro encontro dos

Delegados inspetoriais da Europa e da América Latina, várias consultas, primeiros passos para o funcionamento do Instituto para a Comunicação Social (ISCOS) na nossa Universidade. Pôde-se constatar mais ainda o marcante trabalho que este setor oferece na educação dos jovens e do povo. Também o último Capítulo Geral, o CG22, as Constituições e os regulamentos⁶ insistiram numa presença significativa nesse campo.

Muitas Inspetorias já começaram a se mexer, mas o Centenário pede-nos que se dê mais consistência a esta nova presença evangelizadora, seja na qualidade dos conteúdos a serem comunicados e seja nas novas modalidades, aquelas a nós mais próprias, em transmiti-los. É uma área de urgência apostólica que poderá fazer reviver tantas iniciativas lançadas pelo nosso Pai, mas que depois, com a evolução das coisas, foram um pouco esquecidas ou abafadas: a música, o teatro, as comunicações de grupo, etc.

Também esta é uma prioridade a ser seguida bem de perto superando muitas deficiências.

A impressão dominante: um acontecimento da graça de Deus

Mas a sensação mais partilhada é que o Centenário foi um extraordinário presente do Alto para nós.

Escutei tantos irmãos de todas as partes do mundo: o primeiro Centenário da morte de Dom Bosco nos apresentou o nosso Pai e Fundador mais vivo do que nunca! Foram superadas as previsões e as expectativas; foram alcançados os objetivos fixados da maneira mais satisfatória; foi um intenso período de repensamento que nos lançou com mais convicção na direção das grandes metas da renovação traçadas pelo Concílio Vaticano II. Quem tivesse planejado um clima triunfalista ou quem, por uma mentalidade marcada por ideologias, não tivesse se preocupado de entrar em sintonia espiritual com estas celebrações, teria ficado desiludido ou deslocado.

Os resultados positivos devem ser creditados, podemos dizer, ao próprio Dom Bosco! O seu estilo de santidade, o dina-

⁶ Const. 6, 43; Regul. 31, 33

mesmo prático do seu espírito, o seu critério pastoral, a sua experiência pedagógica, a sua bondade manifestada no “fazer-se amar”, a sua praticidade organizativa, o seu coração oratoriano e popular, o seu realismo de encarnação e a sua missionariedade universal, o seu sentido de Igreja, a sua atitude sacerdotal na política, e, sobretudo, a sua genial predileção pelos jovens, fizeram com que concentrar a atenção sobre ele se tornasse fascinante e profético.

Ninguém havia previsto os grandes benefícios que teria trazido este acontecimento: uma memória fecunda de descobertas, de questionamento e de perspectivas.

Aumentou o conhecimento objetivo do Fundador e revelou-se claramente redutiva a intenção de interpretar a sua práxis educativa só com critérios de um humanismo horizontalista.

Foi um “Ano de graça” em que celebrou-se o seu carisma como se tivesse apenas nascido; as luzes do Concílio Vaticano II o fizeram brilhar com mais autenticidade. Isto levou, não só à superação de qualquer ingênua mentalidade triunfalista, mas também daquela visão exclusivamente doméstica, demasiado voltada para si mesma e que poderia fazer ver só dentro de um muro fechado; olhamos mais ao mistério de Cristo e da sua Igreja.

O 88 foi para nós como uma espécie de síntese viva, preciosa e profética (em continuidade orgânica com a nossa tradição), dos 25 anos de trabalhos pós-conciliares: o CG21, o CG22, o texto renovado da nossa *Regra viva*, a “*Ratio Institutionis*”, os *dois Livros de governo* (manual do Inspetor e do Diretor), o *Regulamento de Vida Apostólica* dos Cooperadores, os múltiplos subsídios para a renovação, os fundamentais *Documentos de identidade* dos outros Grupos da Família, encontraram a sua expressão orgânica e existencial na figura de Dom Bosco Fundador, o modelo que nos foi entregue por Deus como “pai e mestre”⁷.

Esta visão de conjunto de redefinição da nossa identidade aparece como a verdadeira plataforma de lançamento em direção aos compromissos da nova evangelização e da nova educa-

⁷ Const. 21

ção: “um Ano de graça” que nos faz entrar no “Advento” que prepara o terceiro milênio.

O “Salesiano” dos novos tempos, apresentado nos Documentos renovados, possui sempre o seu ponto de referência vital em Dom Bosco, e este centenário foi a confirmação eclesial, social e de Família disso. Os sonhos do nosso Pai tornaram-se realidade depois de apenas cem anos, também se permanecem tantos defeitos, infelizmente, e ainda vastos horizontes abertos às suas perspectivas. É como se a Providência tivesse determinado a data do 88 para concluir felizmente um processo de busca e para lançar na fidelidade a missão salesiana em direção a novas fases da história. O centenário foi para nós memória, mas foi sobretudo uma hora de primavera.

O Papa afirmou em Turim que o carisma de Dom Bosco é “grande” e que hoje é particularmente “necessário” à Igreja e à Sociedade. Penso que este “Ano de graça” nos convida a concentrar a atenção sob o aspecto carismático da nossa Família: com Dom Bosco somos “carisma” na Igreja! Ou seja, que a nossa Família está envolvida vitalmente naquele “momento privilegiado do Espírito” de que falou Paulo VI na “*Evangelii nuntiandi*”⁸.

Se a “experiência do Espírito Santo” é inerente à natureza de um carisma⁹, podemos dizer que historicamente o carisma maior e vital do nosso século foi o Concílio Ecumênico Vaticano II; ele é a principal iniciativa de revitalização da Igreja feita pelo Espírito Santo, como acontecimento pentecostal. Ao redor do Concílio o Espírito de Deus suscitou tantos outros carismas que trazem uma nova vitalidade ao Povo de Deus; entre eles aparecem alguns Movimentos eclesiais. E também a nossa Família o deve ser!

A presença do Espírito, de fato, tocou também, e profundamente, a renovação dos carismas já existentes. Devemos nos sentir interpelados neste sentido; a nossa Família é um dom vivo para o Povo de Deus: um carisma juvenil e popular, marcado pela preocupação educativa e pela praticidade laboriosa do bom senso, sem aspectos sensacionalistas ou polêmicos, mas vivo e criativo na sua corajosa participação na renovação

⁸ Cf. *Evangelii nuntiandi* 75

⁹ Cf. *Mutuae relationes* 11

eclesial inspirada na magnanimidade do Fundador. O Centenário deu o sinal de “partida” — e é uma grande graça — a um renovado caminho “carismático” no qual devemos andar com entusiasmo e criatividade por longo tempo.

O primado da interioridade apostólica

No centro deste dom do Alto para nós, coloco a luta contra a superficialidade espiritual. Em toda a Congregação nos dedicamos com vivo interesse ao grande ato de renovação da Profissão salesiana a 14 de maio de 1988. As iniciativas de formação permanente em relação a isso foram numerosas e bem cuidadas. Durante todo um ano, considerado quase uma espécie de “noviciado geral”, nos dedicamos em aprofundar a nossa identidade vocacional na Igreja. Um subsídio bastante útil para nós foi o comentário às Constituições¹⁰.

O grande tema, explicado e aprofundado em numerosos cursos de Exercícios espirituais, em grupos de formação e em jornadas de estudo, foi o da nossa “interioridade apostólica”, fruto da “graça da unidade” que caracteriza a caridade pastoral salesiana. A estrada percorrida nos Capítulos Gerais do pós-concílio nos trouxe uma visão sintética da nossa “consagração apostólica”. Interiorizar e assimilar esta realidade foi uma das tarefas espirituais do Centenário.

A “graça de unidade”¹¹ dá vigor orgânico a esta caridade pastoral, que é o centro animador do espírito salesiano¹². Comporta uma mútua e inseparável intercomunicação entre os elementos indicados no feliz artigo 3.º das Constituições: a “Aliança” especial com o Senhor, a “Missão” juvenil e popular, a “Comunidade” fraterna como sujeito da missão, e a “Prática radical dos Conselhos evangélicos” guiados pela atitude filial de obediência. Trata-se de uma original leitura do Evangelho que brilha na experiência de santidade de Dom Bosco vivida “em um projeto de vida fortemente unitário”¹³. Exatamente

¹⁰ O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco — Guia à leitura das Constituições salesianas — Ed. SDB, Roma 1986.

¹¹ Cf. Atos CGS n. 127

¹² Const. 10

¹³ Ib. 21

neste esforço de aprofundamento procuramos o mais seguro e radical remédio para a insidiosa superficialidade espiritual ¹⁴.

A nossa consagração de vida ativa e pedagógica não é coisa fácil. Requer uma iniciação especial e uma contínua e apropriada formação permanente. O todo se concentra na energia da caridade pastoral com os dois pólos: Deus e os destinatários. Estes dois pólos possuem uma dinâmica interna inconfundível e original. O amor de Deus é a fonte e a causa de tudo; o amor ao próximo é a dimensão prática e a medida segura para avaliar o verdadeiro amor a Deus, a estrada indispensável sobre a qual anda o amor de caridade. Existe como que um vai-e-vem entre os dois, uma mútua relação causal em diferentes níveis, assim que é preciso afirmar o princípio da união interior com Deus e a prioridade operacional e metodológica do serviço ao próximo. O verdadeiro Deus não é compreensível sem o seu amor ao homem, e o autêntico próximo é impensável longe da imagem de Deus. Portanto não será autêntica uma dedicação aos jovens que não brote do amor a Deus; mas será igualmente certo que não existirá em nós verdadeiro amor a Deus se não houver a predileção pela juventude sobretudo necessitada ¹⁵. A paixão por Deus é inseparável da paixão pelo homem: em um único movimento de caridade vivemos o grande mandamento do Evangelho. Não existe alternativa entre os dois pólos da nossa caridade pastoral.

É aqui que se atua a “graça de unidade” que procede da presença e do poder do Espírito Santo que constitui a original riqueza da “graça da consagração” ¹⁶ inerente à nossa Profissão religiosa.

Ela gera a síntese vital e a unidade interior entre Aliança, Missão, Comunidade e Conselhos evangélicos que fundamentam a nossa identidade salesiana. Para esta graça de unidade cada um dos quatro aspectos indicados é vitalmente unido a cada um dos outros e é autêntico só se testemunhado simultaneamente no interior dos outros. Querer promover um sem o outro significa deteriorar a natureza carismática da nossa Profissão. O Centenário nos ajudou a meditar salesianamente sobre a

¹⁴ Cf. *Interioridad apostólica* — Ed. Salesiana, Buenos Aires 1988 — Temas de reflexão dos Exercícios espirituais do Reitor-Mor.

¹⁵ Cf. Mt. 25, 34ss; 1Jo 2, 9-11; 3,14-15; etc.

¹⁶ *Const.* 195

opção fundamental da Profissão religiosa: a *Aliança* como fonte inesgotável do “da mihi animas”; a *Missão* como traço central que caracteriza o rosto da nossa identidade na Igreja: a *Comunidade* como originalidade de uma comunhão que constitui o sujeito e o estilo de vida e de ação; a *prática dos Conselhos evangélicos* como estrutura básica e vital da verdadeira doação de nós mesmos como discípulos de Cristo. A unidade e a inseparabilidade destes quatro elementos é uma maravilha de graça cotidianamente alimentada em nós pelo Espírito santificador.

A data de 14 de maio visava exatamente evitar em nós a deletérea separação entre “vida religiosa” e “carisma salesiano”. A nossa consagração apostólica é constitutivamente “carismática”. Isto nos obrigou a repensar em perspectiva dinâmica também alguns termos clássicos mais em uso e que poderiam se tornar, quase inconscientemente, expressão de uma visão estática, causa de divisão entre “vida religiosa” e “carisma”; podemos lembrar, por exemplo, as palavras: “observância”, “fim primário e secundário”, “vida de comunidade”, “votos”.

Se a “*observância*” significa fidelidade ao Fundador, existirá de nós espírito de iniciativa, ardor criativo na caridade pastoral, maleabilidade nas situações dos destinatários, adequação às exigências de renovação na Igreja e aos sinais dos tempos.

As Constituições renovadas focalizam corajosamente o “carisma” de Dom Bosco, ultrapassando simplesmente uma legalidade exterior que não animaria a versatilidade apostólica. Trazem certamente também algumas “normas” sábias e renovadas a serem praticadas, mas o que dirige a vida e a ação procede de uma forte interioridade e daquela experiência espiritual e pedagógica que é a alma e a fonte das mesmas normas e que as transcende.

Se, em lugar de “*fim primário e secundário*”, se fala de “*missão*”, significará que se entendem as coisas de maneira evangélica e teologal como participação ativa ao mistério da Igreja e à sua tarefa evangelizadora, vivendo uma especial Aliança com Deus.

Se no falar de “*comunidade*” se põe o acento sobre a “*comunhão fraterna*”, significará que a nossa convivência deverá se caracterizar pela partilha comum dos valores do projeto evangélico de Dom Bosco, da Aliança da Missão e da radicali-

dade dos Conselhos como aspectos vitais do nosso carisma. A comunidade deve tornar-se conscientemente “sujeito” da missão.

E quando se fala dos “votos” será necessário pensar na *globalidade da “Profissão”* que interpreta de maneira mais orgânica e apostólica os conselhos evangélicos, significado que cada um deles deverá ser pensado e vivido em harmonia com todo o projeto salesiano. Fizemos a “renovação da profissão” e não simplesmente “os votos”.

O Centenário portanto significou também para os outros grupos da Família um esforço de interiorização da vocação salesiana no seu aspecto substancial de carisma e de vida no Espírito.

Certamente entre a consciência renovada da própria identidade e a realidade dos novos horizontes de fidelidade, permanece sempre um vazio a ser preenchido. A estrada a ser percorrida é um progredir que não pára nunca, mas é só ela que leva à verdadeira meta.

A surpreendente vitalidade da família salesiana

A Comissão central de coordenação das programações do Centenário estava formada, como dizia, pelos representantes dos vários Grupos da Família Salesiana; assim foi feito, em geral, também nas diferentes Nações e regiões. A colaboração foi concreta e visível. A referência a Dom Bosco fez convergir o interesse de todos.

Esta união de intenções demonstrou que, “juntos”, podemos realizar grandes coisas em favor da juventude, dos pobres, da Igreja e da Sociedade. O mundo viu que esta Família não é fechada em si mesma, mas aberta evangelicamente; que de verdade quer bem ao Papa e aos Bispos, e é fiel ao seu Magistério; que está comprometida em colaborar com a Igreja local de acordo com suas capacidades; que é uma força ao serviço do bem-comum. Ela sabe envolver um grande número de pessoas na realização do bem: as autoridades civis e eclesiásticas, as diferentes classes sociais, também se com algumas idéias diferentes entre si, os fiéis de várias religiões, os educadores de diferentes culturas.

O Centenário foi, de fato, um grande impulso para o relançamento da nossa Família. Experimentou-se o convite para alcançar metas comuns postas em lugar mais alto daquilo que se fez até agora, seja em nível social seja em nível eclesial.

Além da atração que Dom Bosco continua a exercer, pode-se constatar com alegria a eficácia que nasceu da convergência das forças salesianas no lugar onde se encontram inseridas. Nasceu assim espontaneamente o propósito de programar e de trabalhar mais ainda de maneira coordenada, superando resistências e enfrentando fraternalmente as dificuldades sempre presentes. Trata-se também de intensificar entre os Grupos aquele conceito básico de “comunhão” que constitui um dos pontos centrais da eclesiologia do Concílio Vaticano II.

O sugestivo encontro dos responsáveis dos vários Grupos nas “camerette” de Dom Bosco, bem cedinho no dia 31 de janeiro, quase na mesma hora da morte do nosso Pai e Fundador, serviu para meditar com afeto filial a comum herança recebida, dando início assim humilde e familiarmente, como filhos e filhas agradecidos, às múltiplas e sucessivas celebrações. Aí pronunciou-se novamente a palavra de ordem para todos: “prá frente e unidos!”.

Olhando o dinamismo desta Família durante o Centenário aparece com evidência que cresceram uma mentalidade e uma atitude de comunhão mais flexível e mais participativa no centro e em muitas Inspetorias. Desta feliz experiência nasceu uma adesão mais consciente e comunitária ao patrimônio salesiano, uma mais concreta atenção aos espírito comum, à missão e ao método comum. E assim fortaleceu-se a convicção e a vontade de “caminhar juntos”.

O trabalho e as iniciativas dos leigos, pertencentes aos vários grupos da Família, foram particularmente significativos; muitas vezes de fato, os leigos se demonstraram bastante dinâmicos e mais exuberantes em celebrar a grandeza de Dom Bosco e em sublinhar a válida mensagem. Quase a nos lembrar que neste aspecto devem convergir mais e melhor os esforços de todos.

A Família Salesiana é chamada pelo Centenário a se transformar em verdadeiro “Movimento eclesial” renovado hoje pelo Espírito em favor dos jovens.

O movimento juvenil

O fruto mais bonito e promissor do relançamento da nossa Família é o do crescimento de um correspondente Movimento juvenil.

Pode-se dizer que ele surge quase naturalmente pela vitalidade dos Salesianos de Dom Bosco, das Filhas de Maria Auxiliadora, dos Cooperadores, das Voluntárias, dos Ex-Alunos e dos outros vários Grupos. Experimentou-se isso de maneira inequívoca no “Confronto DB88”.

Já faz alguns anos que se fala deste Movimento e nos encaminhamos para a sua realização, iniciando pela América Latina. Nasceu uma nova estação do associacionismo juvenil¹⁷; o próprio João Paulo II lembrou-nos isso com sua autoridade, falando da “urgente necessidade de renascer, percebido um pouco em todas as latitudes, de vários modelos de associações juvenis católicas. O Papa os exorta a serem fiéis, criativos, ricos de genialidade neste esforço em dar vida cada vez mais firme a essas associações. É um convite urgente que dirijo a todos os responsáveis pela educação cristã da juventude”¹⁸.

Sem dúvida a iniciativa do Movimento deve ser elencada entre as melhores e mais urgentes “novidades de presença salesiana”¹⁹. O centenário nos assegura assim que o associacionismo juvenil é uma exigência do Sistema preventivo e do critério oratoriano de renovação; nos lembra o protagonismo do jovem na busca de um ideal, como Domingos Sávio e nos interpela para que saibamos captar cada vez mais e melhor a inspiração educativa e pastoral desta que é já uma realidade viva na nossa Família.

No “Confronto DB88” participaram 2500 jovens sobretudo das Inspetorias européias, que representavam praticamente o trabalho real de todas as Inspetorias: uma iniciativa mundial, cuidadosamente preparada através de uma programação de mais de dois anos, com subsídios elaborados com paciente compe-

¹⁷ Cf. **ACG** n. 294, outubro-dezembro de 1979: Carta circular do Reitor-Mor sobre os Grupos e Movimentos juvenis.

¹⁸ **Osservatore Romano**, 8 de maio de 1979; cf. também o Concílio Vaticano II, *Gravissimum educationis* momentum, 4; *Apostolicam actuositatem* 18, 19, 21.

¹⁹ Cf. **Atos CG21**, 156-159

tência. O “Confronto” apresentou-se como a meta alcançada após uma caminhada de envolvimento direto de tantos jovens. Em Turim, com Dom Bosco, confluíram os inícios do nosso renascimento associativo: escuta da fé, esforço de assimilação, celebrações de alegria e de festa, partilha de ideais e de problemas, diálogo estimulante, oração e sacramentos, romarias de memória reverente, perspectivas de testemunho cristão e de propósitos de crescimento.

Dom Bosco, “Pai e Mestre da juventude”, apresentou-se o inspirador vivo, hoje e para o futuro, de uma autêntica espiritualidade juvenil, fruto desta “pedagogia realista de santidade” que não delude “as aspirações profundas dos jovens (necessidade de vida, de amor, de expansão, de alegria, de liberdade, de futuro), e que ao mesmo tempo os leva gradual e realisticamente a experimentar que só na *vida da graça*, isto é na amizade com Cristo, se atuam plenamente os ideais mais autênticos”²⁰.

A sua missão juvenil é profecia ainda atual. A sua leitura do Evangelho para os jovens se traduz numa espiritualidade que gera uma convicta pertença, relacionada firmemente a ele como Mestre, também se necessita evidentemente de ulteriores explicitações à luz do Concílio Vaticano II.

Convido-os a reler, pois, as “Reflexões após o Confronto DB88” escritas pelo Conselheiro para a Pastoral juvenil, P. Juan Edmundo Vecchi, publicadas nos Atos do Conselho Geral²¹. Chamo sua atenção sobre dois pontos por ele sublinhados: um que se refere à Família Salesiana e o outro aos jovens.

O “Confronto DB88” lembra à *nossa Família* “o valor dos organismos de animação e de intercomunicação”. A nova estação do associacionismo salesiano florescerá se existirem bons Delegados, Delegados e Equipes de Pastoral Juvenil verdadeiramente capazes de animação e dotados de um material bem elaborado com programação, orientações, estímulos, propostas, atrativos espirituais e criatividade apostólica. A experiência do centenário foi um verdadeiro teste para estes organismos.

O “Confronto”, ainda, *sublinhou* “o novo sujeito juvenil”. Antes de mais nada evidenciou-se o prolongamento da própria

²⁰ *Juvenum Patris* 16

²¹ ACG n. 238, janeiro-março de 1989, pág. 30-38.

juventude que exige um compromisso com especiais capacidades também na faixa de idade que vai dos 18 até, ao menos, aos 25 anos. Os adolescentes e os jovens são sujeitos eclesiais privilegiados; vivem um tempo estratégico para a consciência da fé e para a elaboração de uma própria síntese cultural. A convivência pedagógica com eles, a sabedoria pastoral do encontro, a original interação salesiana entre evangelização e promoção humana, nos convidam — como nos disse o Papa — “a não tanto nos dedicar genericamente aos jovens, mas a educar com um projeto”²². Um projeto que faça deles verdadeiros protagonistas do amadurecimento de suas personalidades e de participação ativa na Igreja e na Sociedade.

Já captamos este fato importante como uma grande diretriz para o futuro: dedicar-nos com maior convicção e competência à espiritualidade juvenil como alma da nova estação associativa. A beatificação de Laura Vicuña e a inauguração da “Casa do garoto santo” em Mondônio, quiseram focalizar a escola de santidade juvenil promovida por Dom Bosco e que vários adolescentes do mundo já experimentaram.

O Movimento juvenil salesiano é uma realidade existente, que deve ser consolidada com inteligente e corajosa perseverança. O “Confronto” confirmou o feliz discurso que já tinha sido iniciado e o projetou adiante exigindo de nós que saibamos fazer com os jovens uma experiência educativa de mais consistência evangélica.

É esta, certamente, uma das maiores linhas do nosso carisma reavivado.

O envolvimento laical

Afirmar que no Centenário os leigos tiveram uma participação bastante significativa, sobretudo aqueles pertencentes aos grupos da nossa Família. Se a este fato se acrescenta o especial trabalho (também se ainda imperfeito) da Congregação nestes últimos anos para intensificar seu crescimento qualitativo e quantitativo²³ e se pensarmos que na Igreja o último Sínodo

²² *Osservatore Romano*, 5 de fevereiro de 1989.

²³ ACC n. 317, 318, 321

dos Bispos ²⁴ estudou exatamente este tema, esclarecido depois pelo Santo Padre na Exortação Apostólica "Christifideles laici", encontramos então um vasto horizonte aberto à nossa vitalidade espiritual e apostólica.

Nas próprias características das duas Associações dos Cooperadores salesianos e dos Ex-alunos, Dom Bosco nos convidou a sermos mais eclesiais e mais magnânimos.

Compreendemos que o nosso espírito, marcado pelo realismo e pela síntese vivida no dia-a-dia, responde aos anseios evangélicos de tantos fiéis leigos. Ele mesmo nos deixou um exemplo profético envolvendo-os na missão e formando-os na fé. A presença colaboradora e o bom senso cristão de Mamãe Margarida está na origem deste promissor desenvolvimento. Não podemos ser fiéis hoje a Dom Bosco sem um número crescente de leigos comprometidos conosco.

O Regulamento de Vida Apostólica para os Cooperadores nos lembra que a sua Associação "é feita — como escreve Dom Bosco — para sacudir o torpor em que vivem tantos cristãos, e para difundir a energia da caridade" ²⁵.

A Associação dos Ex-alunos, depois, enquanto mede a vitalidade da nossa prática educativa, é chamada a levar às famílias e à sociedade aqueles valores pedagógicos que promovem a dignidade da pessoa e uma melhor convivência na sociedade. Se queremos viver a identidade salesiana dos novos tempos precisamos considerar as orientações e as diretrizes da Exortação Apostólica sobre a vocação e a missão dos leigos. De maneira particular, enquanto nos comprometemos na sua formação — que é uma das grandes prioridades pastorais da Igreja hoje ²⁶ à luz da nova evangelização ²⁷ —, os envolveremos como protagonistas na grande missão pedagógica e pastoral entregue por Deus à Família Salesiana.

É preciso reconhecer que o Centenário serviu para aprofundar também a dimensão secular do nosso carisma e a despertar em nós um interesse apostólico que ficou um tanto adormecido por vários motivos que deveríamos já ter superado.

²⁴ 1987

²⁵ Regulamento de Vida Apostólica, 50

²⁶ Cf. Christifideles laici, 57

²⁷ Cf. ib. 36-44

Também aqui, como no Movimento juvenil, devem ser cuidados os organismos de animação escolhendo Delegados capazes e competentes.

O DB88 soprou sobre as cinzas e fez reaparecer as brases de um vasto Movimento “carismático” inspirado em Dom Bosco.

A dimensão mariana

O Centenário coincidiu durante o período de mais de seis meses com o extraordinário Ano Santo Mariano proclamado pelo Papa — de Pentecostes de 1987 à Assunção de 1988 — como preparação ao grande Jubileu do ano 2.000. Feliz coincidência!

Isto por um lado nos fez descobrir o sentido de futuro das nossas celebrações centenárias, e, por outro, sublinhou a constitutiva e original dimensão mariana do carisma de Dom Bosco e de sua obra. A basílica de Maria Auxiliadora em Valdocco, lugar sagrado do nascimento e da irradiação da vocação e missão salesiana — e onde são venerados os restos mortais de Dom Bosco, de Madre Mazzarello e de Domingos Sávio — foi o centro de tantas romarias e das nossas celebrações.

A encíclica “Redemptoris Mater” orientou na Congregação apropriadas reflexões marianas; a “teologia da imagem” nela desenvolvida²⁸ também nos levou a contemplar com maior atenção o estimulante significado eclesial que sugere o quadro da Auxiliadora do Lorenzoni desejado por Dom Bosco. Assim a tarefa pedagógica, catequética e “sacramental” da imagem sagrada contribuiu para destacar o original aspecto mariano do coração do nosso Pai.

A chegada do terceiro milênio deve ser interpretada com o espírito de Maria de Nazaré, como um “magnificat” da Igreja a caminho. “Maria precedeu a entrada de Cristo Senhor na história da humanidade, entrada, como o mistério da encarnação, na plenitude do tempo... Assim através deste Ano Mariano a Igreja é chamada..., de sua parte a preparar para o futuro os

²⁸ Cf. *Redemptoris Mater*, 33-34

caminhos desta cooperação; porque o fim do segundo Milênio cristão abre como que uma nova perspectiva”²⁹.

A Academia Mariana Salesiana, animada pelo saudoso e benemérito P. Domingos Bertetto, incansável apóstolo de Maria, dedicou uma sessão plenária, particularmente solene, para comemorar e aprofundar a mensagem da encíclica³⁰. Assim a dimensão mariana entrou, diria, como natural a fazer parte constitutiva do clima das nossas iniciativas centenárias.

Acentuou-se o aspecto da intimidade de Maria com o Espírito Santo, fonte dos carismas, e o que fez para o nosso Fundador e para a nossa Família apostólica; de fato, “para colaborar na salvação da juventude, o Espírito Santo, com a maternal intervenção de Maria, suscitou São João Bosco”³¹.

Além disso olhou-se com especial profundidade ao coração mariano do nosso Pai e no realismo histórico e eclesial da sua predileção por Maria enquanto “Auxiliadora e Mãe da Igreja”³². Em relação a este importante aspecto admiramos a sintonia da escolha mariana de Dom Bosco com as orientações conciliares do Vaticano II: uma visão eclesial da figura e da dimensão de Maria na história da salvação, a sua prerrogativa de Rainha dos Apóstolos, e suas intervenções maternais sobretudo nos tempos difíceis. Turim, que era a cidade da Consolata, tornou-se também a cidade da Auxiliadora e a basílica de Valdocco se transformou num vivo centro da difusão mundial dessa tão atual devoção à Mãe de Deus e da Igreja. Muitas romarias confirmaram esta vitalidade (visitando também o interessante museu mariano montado nos ambientes do santuário).

Foi particularmente significativo o primeiro Congresso internacional das Associações de Maria Auxiliadora realizado em Valdocco com mais de mil participantes, sobretudo da Espanha.

A palavra do Papa na oração do “Ângelus” do domingo, 4 de setembro, na praça de Valdocco lotada de fiéis, ressoa como um grande apelo do Centenário: “Estamos aqui em Turim-Valdocco diante do Santuário de Maria Auxiliadora, desejado pelo

²⁹ *Ib.* 49

³⁰ Cf. *AMS*, Boletim n. 3, Maria Auxiliadora Mãe de Igreja, UPS Roma 1987.

³¹ Const. 1; cf. Adraan Van Luyn, *Maria nel carisma salesiano*, LAS Roma 1987.

³² Cf. G. Bosco, *Le meraviglie della Madre di Dio invocata sotto il titolo di Maria Ausiliatrice*, Torino 1868.

amor e pela coragem de um Santo... O Concílio Vaticano II nos apresenta Maria como modelo da Igreja... na sua maternal solicitude pela salvação dos homens.

Deste santuário mariano tão significativo para os jovens, dirijo um apelo aos pais, aos sacerdotes, às pessoas consagradas e a todos os educadores, lembrando-lhes que têm a vocação de interpretar com generosa doação de si a maternidade da Igreja para o nascimento e o crescimento da fé no coração dos jovens. Quantas dificuldades encontra hoje a juventude a esse respeito! É um desafio preocupante, entre os mais urgentes e também entre os mais delicados e complexos. Não é uma tarefa fácil, mas é mais do que necessária. Convido, portanto, a olhar para Maria, poderoso auxílio e guia maternal dos educadores da fé... Guiados por 'Aquele que acreditou', seremos levados a sentir mais intensamente a tarefa da educação da fé, e a perceber mais distintamente que a ação da Igreja no mundo é como uma continuação da maternidade da Virgem cheia de graça"³³.

Portanto a dimensão mariana, interpretada e vivida de acordo com a visão eclesial e apostólica de Dom Bosco, pertence ao próprio núcleo da rica experiência deste ano jubilar de bênçãos e inspiradora também dos trabalhos do próximo Capítulo Geral.

A devoção a Dom Bosco Santo

O que afirmei até aqui tem como ponto luminoso e centro Dom Bosco. Mas existe ainda um aspecto que não gostaria de esquecer diante das comoventes manifestações que aconteceram durante todo o tempo do Centenário: quero fazer alusão às orações, que em todas as partes do mundo foram dirigidas ao "Santo" por uma multidão de jovens e fiéis e também por pagãos. O nosso carisma tem um intercessor permanente no céu! A figura de São João Bosco encanta pela sua rica personalidade e pelos feitos que o tornaram grande na história. Mas é também eficaz na sua condição de "Santo", que o torna um poderoso intercessor junto de Deus, capaz de obter, com insis-

³³ Ángelus do Papa, 4 de setembro de 1988.

tente predileção, tantas graças e favores de ordem espiritual e temporal dos quais todos sentimos a urgência.

Também o Papa João Paulo II, no final da sua homilia a 4 de setembro, na praça Maria Auxiliadora, quis unir-se a este imenso coro com uma elevada invocação: "Querido santo! Como nos é necessário o teu grande carisma! Como é importante que tu nos acompanhe e nos ajude a compreender o mistério (evangélico) da criança, o mistério do homem, em particular do homem jovem! Querido São João! Apesar de Tu nos ter deixado cem anos atrás, sentimos a Tua presença no nosso "hoje" e no nosso "amanhã". Querido São João! reza por nós. Amém!"³⁴.

Estou seguro que todo membro da Família salesiana eleva muitas vezes sua oração a São João Bosco; mas convido a todos a intensificá-la, a serem fiéis, a propagar a sua devoção, sobretudo entre os jovens e o povo. O carisma salesiano não se afastou dele, que continua como intercessor e guia. A sintonia de espírito e a comunhão de oração com São João Bosco, enquanto nos assimila a ele, intensifica a participação ao mistério da "Comunhão dos Santos", que professamos no Creio. É também este um aspecto da eclesialidade que anima o nosso espírito.

Não podemos de fato esquecer que o Concílio Vaticano II exorta todos os fiéis a "se lembrar dos santos" não só pelo seu "exemplo", mas sobretudo porque "a comunhão com os santos nos une a Cristo, do qual, como Fonte e Cabeça, brota toda a graça e toda a vida do próprio Povo de Deus". E acrescenta que é "sumamente justo que amemos estes amigos e co-herdeiros de Jesus Cristo e também nossos irmãos e insígnis benfeitores... aos quais dirigimos súplicas orações e recorremos ao seu poderoso auxílio"³⁵.

Portanto, a devoção a São João Bosco nos une ao culto da Igreja celeste comunicando com ela e venerando a memória sobretudo da Virgem Auxiliadora, de São José, dos Apóstolos e dos Mártires e de todos os Santos, especialmente de São Francisco de Sales e daqueles da nossa Família³⁶.

³⁴ Nella Terra di Don Bosco, pág. 123 LDC Torino, 1988

³⁵ Lumen gentium 50

³⁶ Cf. ib 50 e Const. 9 e 24

Outros novos carismas invejam este admirável ponto de apoio sobre o qual está assentado todo um Movimento. Nós no entanto podemos cantar com a liturgia da Igreja a alegria de celebrar a festa de São João Bosco; ele com os seus exemplos nos fortalece, com suas palavras nos ensina, com sua intercessão nos protege ³⁷.

Os dois grandes compromissos por nós assumidos

Entre as conseqüências de vida e entre os múltiplos propósitos suscitados pelo DB88 gosto de lembrar dois que nos estão comprometendo seriamente: a Estréia/89 para toda a Família Salesiana e o Tema dos próximos Capítulos Gerais dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

A “Estréia” propõe um renovado e mais cuidadoso e intenso trabalho pelas vocações. A fim de que o precioso carisma de Dom Bosco seja vivo e ativo hoje, é necessário que novas gerações de filhos e filhas assumam os peculiares valores e os tornem energia de fermento em todos os continentes.

Uma renovada pastoral vocacional será a expressão mais autêntica seja da fidelidade dos já consagrados, seja da fecundidade apostólica do seu trabalho. Penso que a medida mais segura da “volta de Dom Bosco” e da “volta a Dom Bosco” ³⁸ seja exatamente a realização cotidiana e pedagógica, promovida por cada um e pelas comunidades, em favor da busca e do cultivo das vocações. No “Confronto DB88” em Turim alguns de nós nos encontramos com jovens que pediam informações e conselhos para se tornarem Salesianos ou Filhas de Maria Auxiliadora. Por outro lado as celebrações nos fizeram meditar mais de uma vez sobre o constante e fecundo trabalho vocacional realizado por Dom Bosco: lembramos isso especialmente em Chieri na catedral lotada por jovens “chamados”. O cardeal Ballestrero, na sua carta pastoral “*São João Bosco sacerdote de Cristo e da Igreja*” ³⁹, sublinhou explicitamente sua grande dedicação à pastoral das vocações; por isso enfrentou tantas dificuldades no seu tempo, foi audaz no cultivo das vocações

³⁷ Cf. Prefácio do Santos Pastores

³⁸ *Juvenum Patris* 13

³⁹ 5 de junho de 1988

“adultas”, como se dizia (também se para o ambiente eclesialístico da diocese era uma iniciativa nova e pouco compreendida), criando para eles especiais ambientes e programas de formação.

Hoje nalgumas regiões do mundo assiste-se a uma perigosa diminuição das vocações. É urgente suscitar uma renovada criatividade para individualizá-las e para cuidar delas. O Centenário, proclamando a atualidade do carisma de Dom Bosco, nos convida a procurar numerosos e qualificados continuadores seja na vida consagrada seja na vida laical. Por conseguinte, nos estimula a intensificar a nossa cotidiana oração pelas vocações, presente misterioso de Deus que deve ser primeiramente “pedido” e, depois, educado até o amadurecimento.

O “Tema”, depois, dos *próximos Capítulos Gerais* seja dos Salesianos seja das Filhas de Maria Auxiliadora refere-se à nossa práxis educativa para que se torne parte integrante e marcante da “nova evangelização”. Uma consciência da sua influência no tecido social exige a capacidade de formar cristãmente a juventude numa sociedade pluralista e secularizada. Esta é a base também da pastoral vocacional.

O “honesto cidadão”, de que falava Dom Bosco, é tal se formado como “bom cristão”. Eis um dos maiores desafios da nossa hora histórica. As transformações culturais exigem uma “nova educação”, mas ela não será nem consistente e nem permanente sem a fé.

Dom Bosco conseguiu “estabelecer uma síntese entre atividade evangelizadora e atividade educativa. A sua preocupação de evangelizar situa-se no interior do processo de formação humana. Como os jovens vivem uma idade peculiar de sua educação, a fé deverá se tornar elemento unificador e iluminador da sua personalidade”⁴⁰.

O Santo Padre lembrou, na audiência concedida ao Reitor-Mor com o Conselho Geral, que “se trata de um tema que atinge profundamente toda a Igreja. O seu alcance não depende somente de determinadas características da atual condição juvenil, mas provém de uma situação de cultura emergente numa hora de profundas mudanças, ao aproximar-se o terceiro

⁴⁰ *Juvenum Patris* 15

milênio cristão. É uma hora de grande responsabilidade eclesial e de fascinante compromisso no caminho da evangelização”⁴¹.

Certamente é este o objetivo central das nossas atividades; é também o questionamento mais exigente das atuais mudanças culturais. Para sermos capazes de responder é indispensável rever com cuidado a metodologia da nossa ação. Mas, antes ainda da metodologia — tão importante na ordem dos meios —, há necessidade de uma adequada renovação da interioridade de todo filho e filha de Dom Bosco e do clima genuinamente salesiano de cada uma das comunidades. Com o fogo apostólico no coração e com o clima evangélico do ambiente de cada casa surgirão a inteligência e a força para renovar a metodologia da ação: a fé, de fato, é dom de Deus que passa também através do testemunho e da comunicação de vida dos educadores. Não é bom criar ilusões; não existe um método mágico que transforme por si mesmo; é suficiente constatar o que aconteceu com os Apóstolos, os Santos, o Cura de Ars, Dom Bosco, Madre Mazzarello. Lembremos o que proclamou com autoridade o Concílio Vaticano II: “Como a vida religiosa antes de tudo está endereçada a seus membros para que sigam a Cristo e se unam a Deus com a profissão dos conselhos evangélicos, é preciso lembrar que as melhores formas de renovação espiritual, à qual compete sempre o primeiro lugar também nas obras eternas de um apostolado”⁴².

Conclusão

Queridos Irmãos, certamente cada um de vocês tem sua visão global dos valores do Centenário com uma própria avaliação pessoal. Para redigir esta carta circular falei com muitos irmãos e pedi o parecer dos membros do Conselho Geral. As reflexões apresentadas se fundamentam sobre a experiência vivida e, apesar de não serem completas, ajudam na formação de um juízo global positivo, estimulante para a nossa renovação e para melhor alcançá-la.

Gosto de repetir que ainda, depois de cem anos de sua morte, Dom Bosco preocupou-se pessoalmente de relançar o

⁴¹ *Osservatore Romano*, 5 de fevereiro de 1989.

⁴² *Perfectae caritatis* 2

seu carisma: como se nos tivesse dito que nos trabalhos pós-conciliares fomos dinamicamente fiéis e que agora, enquanto se alegra conosco por termos “passado a limpo” a reelaboração dos Documentos da nossa identidade, nos exorta a testemunhá-la na prática, lançando o seu espírito e a sua missão em direção aos novos séculos em todas as latitudes.

Nos últimos anos de sua vida, Dom Bosco preocupou-se muito com o futuro da nossa Família espiritual: é suficiente lembrar o sonho do personagem dos 10 diamantes⁴³ e suas claras intervenções nos primeiros Capítulos Gerais. Queria assegurar as idéias básicas do seu espírito, a originalidade da sua missão, a interioridade apostólica, a formação dos membros, a prática do Sistema preventivo, o cuidado pelas vocações, a purificação das comunidades (“a Congregação — disse no terceiro Capítulo Geral — necessita de purificação!”⁴⁴). Se lembrarmos que o cardeal Ferrieri, prefeito da Congregação vaticana encarregada dos Religiosos, tinha proposto ao Papa uma Visita apostólica nas casas salesianas (e que depois não foi feita) e que havia no Vaticano um projeto de agregar a nossa Congregação, depois da morte de Dom Bosco, a uma outra já existente⁴⁵, podemos compreender as preocupações que ele alimentava no coração durante os anos 80 e qual tem sido a resposta da Providência, admirada mundialmente por nós nas celebrações deste Centenário.

Devemos sinceramente agradecer a Dom Bosco e amá-lo mais ainda, honrando o título eclesial que o proclama universalmente “Pai e Mestre da Juventude”.

Com ele agradecemos a Auxiliadora que o guiou maternalmente na sua peculiar experiência de Espírito Santo. E, sobretudo, louvamos a Deus ao seu Espírito. Somos profundamente agradecidos a Deus pelo dom de predileção aos jovens e ao povo que fez do nosso Fundador um dos grandes protagonistas do futuro para a Igreja e para a Sociedade.

Assim, com imensa gratidão no coração, nos sentimos felizes porque Deus nos chamou “pelo nome” nestes tempos novos, a sermos operosos discípulos de Cristo percorrendo com os

⁴³ 1881

⁴⁴ MB 16, 414-415

⁴⁵ Cf. Céria, *Annali* II, pág. 4

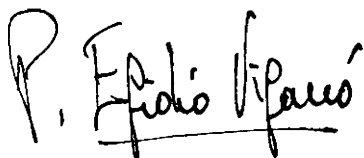
jovens aquele caminho trilhado por Dom Bosco “que conduz ao Amor” ⁴⁶.

As celebrações do DB88 deram o sinal de partida aos compromissos de um novo Centenário. Sejam protagonistas criativos e fiéis!

Uma cordial saudação a todos da Basílica de Valdocco de onde se difundiu no mundo aquilo que o Papa chamou um “grande carisma”.

Deus nos enriqueça com a luz e as energias do seu Espírito!
Votos de crescimento.

P. Egidio Viganó

A handwritten signature in black ink, reading "P. Egidio Viganó". The signature is written in a cursive, flowing style with a horizontal line underneath the name.

⁴⁶ Const. 196

1.2 LEMBRANDO O MINISTÉRIO DO P. LUÍS RICCERI À FAMÍLIA SALESIANA

Queridos Irmãos,

quando a minha carta para este número dos Atos já estava sendo impressa, chegou-nos a notícia da morte do amado P. Luís Ricceri, meu predecessor no serviço de Reitor-Mor, e tão benemérito pela vida intensa e inteiramente dedicada à Nossa Congregação e à inteira Família Salesiana.

A morte, preparada e serena, o esperou às 15 horas e 55 minutos do dia 14 de junho, na comunidade salesiana de Castellamare di Stabia, onde tinha sido recebido e atendido com muito afeto durante este último ano. Estava a seu lado, no momento da despedida, o P. Paulo Natali e o P. Luís Fiora, o Inspetor de Nápoles, o Diretor da casa e outros irmãos.

As solenes, e ao mesmo tempo familiares, exéquias foram celebradas hoje 16 de junho na basílica do Sagrado Coração em Roma, como era seu desejo; e sucessivamente o féretro foi sepultado no cemitério salesiano das Catacumbas de São Calisto. A participação do Reitor-Mor, que presidiu a celebração, e do seu Conselho, da Madre e do Conselho geral das FMA, dos Cardeais Rosálio Castillo Lara, Antônio Javierre Ortas e Gabriel Garrone, de numerosos Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora e de todos os Grupos da Família Salesiana testemunha o reconhecimento que é dever expressar, na oração, a este nosso irmão e pai.

Enquanto lhes peço que continuem o sufrágio, convido-os para que agradeçam a Deus por tudo o que fez na nossa Família através do ministério do P. Ricceri, e a invocar a sua intercessão para que nos obtenha da Auxiliadora e de Dom Bosco sermos fiéis transmissores do carisma salesiano.

Fraternalmente no Senhor

P. Egidio Viganó

Transcrevemos a Homília feita pelo Reitor-Mor durante a celebração na basílica do Sagrado Coração.

Estamos aqui reunidos, irmãos e irmãs em assembléia eucarística para celebrar um ato de fé cristã rico de afeto, de agradecimento e de esperança.

Quarta-feira passada, às 15 horas e 55 minutos, faleceu o nosso irmão Luís Ricceri, salesiano presbítero, que foi por 12 anos sexto sucessor de Dom Bosco.

A sua morte torna-se para nós uma meditação de fé e um estímulo de vida: uma alegre contemplação da bondade do Pai e da escuta de um filho.

Pode parecer um enorme paradoxo.

Se se tratasse do enterro de um gênio da economia, da política ou da cultura, escutaríamos outras reflexões. Num clima cultural onde impera o imanente, a morte é só tristeza: apaga energias, afasta da história, afoga definitivamente no passado também se suscita reações e lutas.

Só no Cristianismo a obscura impenetrabilidade da morte abre para a transcendência, para a realidade da história, não para o abstrato da especulação.

Uma transcendência que nós sentimos viva, aqui e agora, diante dos restos mortais de um nosso benemérito irmão; ele nos convida, de seu caixão, a fazermos memória da morte de Cristo, ponto alto dos acontecimentos humanos.

A liturgia nos diz que em todo fiel defunto se realiza o mistério do Filho de Deus, morto e ressuscitado, primícia daqueles que morreram.

Este nosso irmão foi regenerado pela água do Batismo; os traços físicos de seu rosto foram se conformando com a imagem do Cristo; alimentou-se do Seu corpo e do Seu sangue como viático na peregrinação terrena; cresceu naquela vida nova que é eterna; foi tocado pelo seu poder redentor, mais forte do que a morte. Ele ressuscitará com o seu Senhor proclamando

o que nos ensina a Bíblia: “Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está a tua força que mata?” (1 Cor 15,55).

Meditemos por um instante na atitude de Cristo diante da morte: de sua morte pessoal, da morte de Lázaro, daquela do jovem de Naim, daquela da filha de Jairo: ela está marcada pela dor, pelo medo, pelo choro: “passe de mim este cálice”! (Lc 22,42).

A morte, de fato, é sempre o fim trágico da vida terrena; rompe os laços de parentesco e de amizade; destrói o uso dos sentidos; põe um fim à missão iniciada: “Pai nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46), “tudo está consumado” (Jo 19,30).

Mas manifesta-se nela o poder da ressurreição; começa uma nova juventude; abrem-se os horizontes de uma vida mais verdadeira; somos acolhidos na comunhão plena do mistério com a Igreja celeste; não se renuncia à história, mas cada um dá sua contribuição para o seu curso de outra maneira; é alívio depois da luta e da agonia; é transcendência de amor, o da caridade, que é mais forte do que a morte.

O nosso irmão P. Luís Ricceri alcançou a meta da sua existência com mais de 88 anos de vida terrena. Trata-se de um notável espaço de tempo, em que houve juventude, maturidade, terceira idade e quarta idade.

Uma prolongada experiência do paradoxo cristão, com modalidades diferentes de participação ao Mistério, que burlaram a sua personalidade e que hoje nos manifestam a beleza e a vitalidade do ser cristão.

— *A sua juventude* — até aos 24 anos — foi marcada pelo encontro com o Cristo: “fixando-o, o amou” e lhe disse “vem e segue-me” (cf Mc 10,21ss). O jovem do Evangelho ficou triste ao ouvir estas palavras. Luís Ricceri, no entanto, experimentou naquele encontro a alegre descoberta do seu futuro; encontrou nelas o significado da própria vida e o entusiasmo para assumir uma missão concreta; experimentou os encantos e a festa da vida e intuiu que, com Cristo, ter-se-ia transformado num protagonista do seu Reino.

Em Caltagirone — cidade do P. Sturzo — entrou a fazer parte, enquanto frequentava o ginásio-liceu, do “Círculo Dom Bosco”, no Oratório salesiano. Os recursos e as qualidades de

sua origem siciliana deram um passo adiante e foram se elevando cada vez mais alto.

No clima familiar de trabalho do Santo educador, “pai e mestre da juventude”, experimentou que era feito para ser salesiano: dedicar-se para sempre ao bem dos jovens e do povo. Preocupou-se em adquirir competência nas disciplinas humanas, com constância e com a sua inteligência aguda e versátil. Foi ordenado sacerdote para dispensar as riquezas da Páscoa e doou-se, sem medo, na realização dos ideais deixados em herança pelo dinâmico Fundador.

Tornou-se salesiano em 1917, e sacerdote em 1925. Ficando com Dom Bosco começou a percorrer aquele caminho evangélico que conduz ao Amor: 70 anos de convicta fidelidade!

“Ó feliz a minha juventude!” parece ele dizer deste fêretro aos jovens de todas as gerações.

— *A sua maturidade* — 40 anos — foi intensa de atividade e de realizações durante passando por diferentes etapas; antes na Sicília, depois no Piemonte e na Lombardia. Distinguiu-se como válido educador no oratório e na Escola — com brilhantes qualificações culturais, também de música e teatro —; depois como diretor em várias casas; como inspetor da província subalpina e daquela lombardo-emiliana; até ser chamado a participar como membro do Conselho geral da Congregação salesiana espalhada no mundo todo. Foram quatro décadas de um trabalho, de constante espírito de iniciativa, de importantes contatos humanos, de novos projetos, de coragem e de unanimidade.

Os tempos eram difíceis, sobretudo na fase tão delicada dos anos 40. Para defender o Reitor-Mor, P. Ricaldone, teve — como inspetor em Turim, que fazer a experiência de um cárcere.

Na qualidade de membro do Conselho geral a ele deve-se, entre as realizações mais significativas: um novo despertar dos Cooperadores salesianos (no CG19, em 1965, o documento dedicado à esta Associação, redigido por ele, foi aprovado imediatamente pela assembléia por unanimidade com uma salva de palmas); o impulso dado, na comunicação social, ao Boletim Salesiano em língua italiana que superou as trezentas mil cópias; a volta das Leituras Católicas de Dom Bosco com o nome de “Meridiano 12”; o vivo interesse pela literatura dramática;

a modernização do SEI; por fim, o trabalho pelo grupo de consagradas na secularidade — fundadas pelo P. Filipe Rinaldi — que se tornou assim o Instituto secular das VDB.

É difícil fazer uma lista daquilo que fez. Não seria exagero lhe outorgar o título de “cavaleiro do trabalho”, à imitação da assim chamada santa laboriosidade do Fundador, com o de “filho fiel” ao espírito e à missão do Pai.

Trazia consigo as energias, a fantasia criativa e o fogo da sua terra vulcânica, animado e sustentado pela interioridade apostólica da consagração salesiana.

— *A sua terceira idade* — a viveu como sexto sucessor de Dom Bosco, 12 anos.

Foi eleito Reitor-Mor em 1965: tinha 64 anos.

Estava-se preparando na Igreja a última sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II, e iniciava aquela movimentada fase pós-conciliar, rica de perspectivas, aberta a tantas iniciativas e marcada por novos problemas. Como Reitor-Mor coube-lhe a preparação e a direção do histórico Capítulo Geral Especial (1971), que durou sete meses e que lançou a Congregação na órbita do Concílio: reelaborar o texto das Constituições, abertura a uma sadia descentralização no contexto da unidade, repensar a formação pessoal e a qualidade pastoral das obras, enfrentar os excessos da contestação, seguir com atenta consideração o aparecimento dos valores da personalização, os aspectos sócio-políticos mais envolventes, os muitos desafios da nova cultura e remediar o problema causado pela crise religiosa.

O P. Ricceri indicou, após aquele Capítulo, cinco grandes orientações sobre as quais concentrar a atenção dos irmãos e endereçar os esforços concretos. Apresentá-las aqui significa sintetizar o seu delicado ministério de animador e guia nos 12 anos de reitorado:

- 1.º Vivo sentido da presença de Deus;
- 2.º Missão juvenil e popular;
- 3.º Construção da comunidade;
- 4.º Valorização e relançamento da Família Salesiana;
- 5.º O cuidado pela unidade na descentralização

Em cada uma destas linhas existe uma série de compromissos e de projetos: a construção da Casa geral em Roma com a transferência do Conselho geral que tinha sua sede em Turim; o voluntariado para a América Latina; as visitas de conjunto; as semanas de espiritualidade para a Família Salesiana; os cursos de formação permanente, etc.

Como Reitor-Mor foi também Grão-chanceler da Universidade Salesiana num período atormentado de reestruturação e de crescimento que viu o nosso Ateneu ser elevado à dignidade e responsabilidade de Universidade Eclesiástica, assegurando a missão de Dom Bosco as contribuições da seriedade científica exigida pelos tempos novos. Esta tarefa significou um conjunto de sessões de estudo, de muito diálogo, de intervenções e de sacrifícios que não é fácil hoje imaginar; eles, porém, colocaram os alicerces para um futuro promissor e assim iluminaram os serviços qualificados da missão juvenil e popular da Família salesiana na Igreja.

— *A sua quarta idade* — que se estendeu por mais de 11 anos — é toda ela marcada pela humildade e pela sabedoria de um ancião crente. O aproximar-se da meta, da uma tonalidade singular à vida de fé e a reveste de uma paz interior incompreensível aos profanos.

O Papa Paulo VI nos deixou um testemunho desta experiência da quarta idade no seu “Pensamento da morte”: meditação sublime que toca com grande intuição o que sente iminente um ancião crente, perto da morte.

Nos meses passados recebi do P. Ricceri cartas confidenciais, apontamentos e memórias, redigidos a mão com letra firme: eles revelam os segredos da sua interioridade.

Aparece nestas páginas a contemplação filial da infinita misericórdia do Pai como característica mais apreciada do Seu amor; depois, o agradecimento pela Sua poderosa sabedoria na criação e pelos incontáveis benefícios e gentilezas da Sua providência; admira-se também a dignidade do penitente que reconhece com humilde sinceridade os próprios limites e suas faltas e se deixa envolver na inefável solidariedade do Cristo; sente-se a alegria pela certeza da presença do Espírito Santo

com os seus dons, especialmente com o carisma do Fundador, e pelo interesse maternal da Virgem Maria.

"O momento do grande encontro — me escreveu já desde 1979 — aproxima-se rapidamente". Exatamente como dizia Paulo VI na sua meditação: "*tempus resolutionis meae instat*". E então "volta a memória a pobre história da minha vida, entrelaçada, por um lado pelos singulares e numerosos benefícios, fruto de uma inerável bondade; e, por outro lado, atravessada por uma trama de ações mesquinhas, que se gostaria de não lembrar, porque são tão raras, imperfeitas, erradas, sem sentido, ridículas. Sempre me parece subime a síntese de Santo Agostinho: "*miseria et misericordia*".

O olhar então volta-se para contemplar a agonia de Cristo que morreu pelos outros, por nós. Nele "a sonhada da morte foi repleta pela nossa presença, foi envolvida pelo amor. A sua morte foi revelação de amor pelos seus: "*in unum omnes*".

Quando penso nas minhas conversas com o P. Ricceri anciaio, sinto que todas foram dirigidas aos irmãos, à vida da Igreja, ao ministério do seu supremo pastor, ao crescimento da Congregação e da Família salesiana. Acredito seja verdade o que afirmou um estudioso em relação ao progresso da vida no Espírito deve-se-lhe aplicar analogicamente a lei física da gravidade: como uma pedra caindo do alto acelera a sua velocidade à medida que se aproxima da terra, de maneira semelhante a fé do crente aumenta em intensidade ao aproximar-se a meta do encontro final.

Queridos Irmãos e Irmãs: nós aqui, nesta Eucaristia, agradecemos ao Pai pelas riquezas do mistério de Cristo semeadas e crescidas na existência do nosso irmão P. Luís Ricceri; e enquanto guardamos como tesouro seu testemunho de vida, rezo por ele:

Dai-lhe, ó Pai, a felicidade sem fim.

Que ele contemple eternamente vossa face, porque sempre em Vós esperou e acreditou.

Apagai nele todo vestígio de fragilidade. A vossa misericórdia seja para ele como orvalho celeste.

Vós que sois alívio após o cansaço e a vida após a morte, dai-lhe participar da Páscoa eterna em vossa casa, repleta de luz e de paz.

Escutai a oração desta assembléia e fazei que os desejos e os sacrifícios deste nosso irmão se tornem realidade para o crescimento do carisma de Dom Bosco no mundo e que possam florescer com nova qualidade de vida e numerosas vocações de generoso compromisso.

Maria, a Mãe do Vosso Filho, interceda e ajude! Amém.

2. ORIENTAÇÃO E DIRETRIZES

2.1. INTRODUÇÃO À LEITURA DA CARTA APOSTÓLICA "VICESIMUS QUINTUS ANNUS".

P. Paulo Natali

Conselheiro geral para a Formação

A Carta Apostólica de João Paulo II "Vicesimus quintus annus", faz vinte e cinco anos, exatamente, da promulgação da Constituição conciliar "Sacrosantum Concilium" sobre a sagra-da liturgia, quer sublinhar:

- a importância daquele acontecimento memorável (n. 1);
- a atualidade "com relação também ao surgimento de novos problemas" (n.2);
- a "permanente validade dos seus princípios" (n.3), porque a reforma da liturgia, "unida à renovação bíblica, ao movimento ecumênico, ao impulso missionário, à procura eclesiológica", contribui permanentemente à renovação global de toda a Igreja (c.n.4).

Desta importância, atualidade e permanente vitalidade nós gostaríamos de apresentar uma visão global, certamente para introduzir na leitura do documento pontifício, mas também para sublinhar alguns aspectos interessantes. Eles darão oportunidade à nossa obediência de fé e ao compromisso da nossa formação litúrgica para serem mais motivadas.

Outras vezes, nos Atos do CG (cf. ACG nn. 297 e 321) escreveu-se sobre este tema. O que foi dito está em sintonia com aquilo que o Papa nos diz. Esta feliz coincidência é uma garantia e uma ratificação das orientações que esperam ainda, talvez, de serem praticadas com maior fidelidade em cada comunidade salesiana.

Refletiremos juntos sobre os temas gerais que a Carta apresenta os princípios e os critérios que fundamentam a renovação da vida litúrgica, a sua aplicação concreta nas celebrações, a exigência de uma contínua formação; mas, aqui e ali, dilataremos o nosso interesse a situações que a Congregação necessita melhorar para que os irmãos se tornem cada vez mais

capazes de expressar na vida, na relação com os jovens, o que na celebração receberam com fé (cf. FSDB 98).

1. Princípios e critérios

O Papa sublinha alguns princípios e critérios certamente não com um “fixismo” que condena (cf. n. 11), mas para motivar e salvaguardar a autenticidade e o desenvolvimento da renovação. É como dizer que aquilo que acreditamos do mistério de Cristo e da sua Igreja torna-se critério com o qual agir e medida daquilo que fazemos. Os conteúdos da fé, atenta ela mesma aos novos problemas (cf. nn. 16-18), sustentam as leis da oração. Em outras palavras, a renovação da vida litúrgica e as suas aplicações concretas, também com vistas ao futuro (para “enraizar — por exemplo — a liturgia em algumas culturas” (n. 16) ou para “se apoiar sobre as riquezas da piedade popular, purificá-las e orientá-las para a liturgia como oferta dos povos” (n. 18), fundamentam-se sobre alguns princípios ou conteúdos de fé que guiam os critérios e as diretrizes.

Quais são?

a) *A liturgia é exercício do sacerdócio permanente de Cristo* (cf. n. 10). Deve ser mantida a afirmação dos discípulos: “É o Senhor!”. “Nada daquilo que fazemos nós na liturgia pode parecer mais importante daquilo que invisivelmente, mas realmente faz o Cristo por meio do seu Espírito” (n. 10). Ele, num contexto de sinais, alguns dos quais são essenciais (a Palavra, a eucologia, a estrutura ritual), outros ligados ao tempo, nos lembra incansavelmente o acontecimento da Páscoa.

b) *A liturgia é o lugar da presença ativa e contínua de Cristo*. Cristo está sempre presente na sua Igreja e a manifesta a si mesma como uma, santa católica, apostólica (cf. n. 9):

- sobretudo nas ações litúrgicas, lugar privilegiado do encontro dos cristãos com Deus, e, de maneira singular e eminente, no sacrifício da santa Missa, celebrado pela assembléia sob as espécies do pão e do vinho (cf. n. 7);
- na pessoa do ministro ordenado, consagrado para agir “in persona Christi”;
- na Palavra, ouvida com fé e assimilada na oração, entregue com maior abundância e variedade “para que se

torne evidente que na liturgia, rito e Palavra são intimamente unidos" (n. 8);

c) *A liturgia, na atualização do mistério pascal, acredita na fé, pela sua natureza traz algumas exigências:*

- Porque Cristo está presente na Igreja reunida em oração em seu nome, a assembléia cristã, que fundamenta neste mistério a sua grandeza, cuidará da acolhida fraterna voltada para o perdão e o decoro nas atitudes, nos gestos e nos cantos (cf n. 17). A exigência da participação ativa e responsável de todos, obedecendo à diversidade das ordens e das fundações, motiva ainda a preferência dada às celebrações comunitárias, "quando o comportar a natureza dos ritos" (cf. n. 10).
- Como o ministro ordenado celebra "in persona Christi", a sua atitude interior e exterior (as palavras que pronuncia e o próprio ritmo da oração, os gestos que faz, as vestes litúrgicas que usa, o lugar que ocupa, etc.) deve corresponder e significar o mistério que atualiza (cf. n. 7).
- Como Cristo está presente na sua Palavra proclamada, o livro e o lugar desta proclamação devem ser dignos. Nenhuma outra palavra pode substituir na leitura da Palavra de Cristo. Aliás, qualquer outra palavra deve estar em harmonia com ela (homília, cantos, motivações), "de maneira que as palavras dos homens estejam ao serviço da Palavra de Deus, sem abafá-la" (n. 10) e a Palavra de Deus pela interior disposição dos ministros, pela cuidadosa preparação, o estudo e a meditação, suscite nos fiéis "o desejo de descobrir Cristo" (n. 8).
- Como o "valor" pastoral da liturgia é grande, ele prevê uma margem de adaptação à assembléia e às pessoas e uma possibilidade de abertura à índole e às culturas dos diferentes povos, também se com determinados cuidados (cf nn. 10 e 16).
- Como as ações litúrgicas não são "ações particulares", mas "celebrações da Igreja, sacramento da unidade" (n. 10), a sua disciplina depende unicamente da autoridade hierárquica. A fidelidade aos textos autênticos da liturgia é de fato uma exigência da "lex orandi" que deve estar sempre em conformidade com a "lex credendi".

2. A aplicação concreta nas celebrações

Estes princípios, estes critérios e orientações envolveram longa e positivamente os fiéis na sua aplicação. Mas a Carta do Papa indica também quais causas atrasaram sua profundidade e difusão: o sentimento religioso entendido como algo particular; uma certa rejeição das instituições; uma presença menos visível e eficaz da Igreja na sociedade; e depois ainda a passividade e a indiferença; a volta a formas litúrgicas anteriores como única garantia de segurança na fé e as inovações fantasiosas e a criatividade exagerada que desconhece os valores positivos da reforma renovada e as grandes possibilidades que ela oferece até hoje.

Algumas vezes constatarem-se, escreve o Papa, “omissões ou acréscimos ilícitos, ritos inventados fora das normas estabelecidas, atitudes ou cantos que não favorecem o sentido da fé ou o sentido do sagrado, abusos nas práticas da absolvição coletiva, confusões entre o sacerdócio ministerial, ligado à ordenação, e o sacerdócio comum dos fiéis...” (n. 13).

Poderíamos prolongar o discurso e dizer que a estas tensões e a estas confusões se acrescentaram, em alguns lugares, outras que nascem de uma marcada tendência a politizar a liturgia. Gostar-se-ia de ter uma liturgia que se interessasse, com uma linguagem e um espírito que não é o seu, de todos os problemas do homem e das emergências sociais do momento. O pedido para prestar atenção aos problemas do homem é legítimo e evangélico; mas, se for exasperado, poder-se-ia, seguindo a moda do momento, manipular como se quer toda a liturgia que não responderia assim e de modo algum à sua finalidade.

Trata-se afinal de levar o povo à liturgia e de levar, no mesmo tempo, a liturgia ao povo, dois momentos de tensão positiva. É necessária uma liturgia mais aberta à vida, mais encarnada na cultura, mais estimulante na missão, uma liturgia que se abre para o hoje, mas também uma liturgia que tem uma sua dimensão de tradição viva, por sua natureza hierárquica e expressiva da experiência privilegiada da fé da Igreja (“lex orandi lex credendi”) (cf. n. 15).

3. A exigência de uma formação contínua

É necessário, portanto, e é urgente recomeçar uma nova educação intensiva para fazer descobrir as riquezas que a liturgia contém (cf. n. 14).

Algumas urgências poderiam ser assim sintetizadas:

— Deve ser superada a fragmentação das iniciativas e deve-se pensar, sentindo “cum Ecclesia”, as iniciativas planejadas que tornem possível uma formação permanente.

— Deverá haver uma conversão a uma nova mentalidade e, por isso, a um novo estilo de celebração. A renovação não está só nos textos, mas na cabeça e no coração. Se não houver a renovação do coração, não se renova nada, também com toda a novidade dos textos. Esses envelhecem logo, se não for novo o coração do homem. “A mesma adaptação às culturas exige também uma conversão do coração e, se fôr necessário, também a ruptura com velhos hábitos, incompatíveis com a fé católica” (n. 16). O responsável pelas celebrações é continuamente convidado a rever as raízes profundas da sua fé, se deseja fazer da sua ação litúrgica uma verdadeira cooperação na realização da salvação.

— Entre as tarefas mais urgentes, parece estar a de uma formação bíblica e litúrgica do povo de Deus, dos pastores e dos fiéis. Os próprios pastores de almas devem ser penetrados, eles por primeiros, pelo espírito e pela força da liturgia (cf n. 15). Deverão sublinhar e comunicar os aspectos do mistério. A liturgia não são coisas a serem feitas, é uma Pessoa a ser encontrada, o Ressuscitado. São pessoas a serem conduzidas a este encontro. A pessoa de Cristo e o seu mistério de morte e ressurreição devem ser anunciados, contemplados e vividos. É preciso ajudar os participantes a fixar o olhar da fé sobre a presença do Ressuscitado.

— Deverá ser aprofundada a ligação fé — sacramentos, Palavra e liturgia. A liturgia sem Palavra degenera num rito mágico, a Palavra desligada da liturgia cai no abstrato. Será preciso que se redescubra toda a carga evangelizadora da liturgia, também se respeitando sua natureza de ato de culto. Liturgia que evangeliza (a mui sábia pedagogia do ano litúrgico!): fiéis a Deus e fiéis ao homem!

4. Conclusão

Para “reencontrar o grande sopro da Sacrossantum Concilium”, a que nos convida o Papa com sua Carta, e para fazê-lo reviver em nossas comunidades mais ardente e forte, somos convidados:

— a imitar Dom Bosco. Quanto mais atual é hoje o exemplo do nosso Pai: ele quis solenidade nas celebrações e fidelidade nos ritos: desde o dia da sua primeira missa levava sempre consigo o livrinho das rubricas para repassá-lo de vez em quando;

— a reler os documentos talvez mais importantes da reforma: a introdução ao Missal, ao Lecionário, à Liturgia das Horas. São três documentos que dizem o que fazer, mas que revelam sobretudo o sentido profundo daquilo que se faz;

— ainda, a rever a “Vicesimus quintus annus” na linha da “Sacrosantum Concilium”;

— a verificar, ajudando-se com as perguntas feitas nos ACG 321, pág. 43, a qualidade da nossa vida litúrgica e das suas celebrações, “dando espaço a oportunas iniciativas” (RG 174):

- entre os numerosos aspectos de crescimento, quais estimamos mais significativos em nível pessoal, comunitário, pastoral?
- que situações (critérios, hábitos, expressões, condições...) deveriam ser revistas, corrigidas, superadas?
- como aprofundar a renovação para chegar a uma liturgia viva?
- como assegurar a formação e a animação litúrgica?
- como superar a rotina, a passividade ou uma práxis não respeitosa das normas eclesiais?
- como cuidar das condições internas e externas de cada celebração?
- como apresentar pedagógica e pastoralmente as grandes solenidades do ano litúrgico, sem nunca substituí-las com outras celebrações, também se a nós especialmente queridas?

Os critérios desta avaliação são aqueles acenados e retomados pela "Vicesimus quintus annus" e por um certo clima espiritual de "grande equilíbrio", que se encontra em nós como graça e conquista e que se torna conteúdo de "confiante auspício" do Papa e da sua oração: "... Na obra da renovação litúrgica é preciso ter presente com grande equilíbrio a parte de Deus e aquela do homem, a hierarquia e os fiéis, a tradição e o progresso, a lei e a adaptação, a pessoa e a comunidade, o silêncio e o impulso moral. Assim a liturgia da terra se une com a do céu... para cantar a uma só voz ao Pai por meio de Jesus Cristo" (n. 23).

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reito-Mor

Voltando da ilha de Cuba a 10 de março (cf. ACG n. 329), o Reitor-Mor ficou em Roma para cumprir variados compromissos, além do trabalho normal: UPS, CISI, Capítulo inspetorial do Médio Oriente, etc.

Durante o mês de abril participou, em Acireale-Catânia, do 2.º Congresso das Igrejas da Sicília, desenvolvendo um tema sobre o significado eclesial da vida religiosa hoje (3-5 de abril); esteve em seguida em Nave para o 50.º aniversário da Obra (15-16 de abril), em Bari em visita à Família Salesiana e às Escolas Profissionais da Inspeção Meridionale (22-24 de abril, em Sesto San Giovanni durante o retorno dos irmãos (28-28 do mesmo mês)).

Em Vaticano participou, de 11 a 14 de abril, da Sessão Plenária da Congregação para a Evangelização dos povos e depois de um Encontro do Conselho dos Leigos, desenvolvendo o tema sobre a formação dos fiéis leigos segundo a Exortação apostólica "Christifideles laici". No dia 30 em Roma fez uma conferência sobre a vocação e missão dos Leigos no Encontro nacional italiano dos Delegados e Dirigentes dos Cooperadores.

Nos dias 6 a 11 de maio esteve em Split, Zadar e Rijeda, na Iugoslávia, e, depois, em Trieste com os Diretores e os Capitulares da Inspeção Vêneto Leste. Outras programações para o mês de maio foram: duas vezes em Turim (nos dias 5 e 6 no Oratório "Bem-aventurado Miguel Rua" no bairro Monterosa; nos dias 23 a 25 em Val-

docco para a inauguração do novo Oratório). Nos dias 25 a 27 participou das reuniões anuais da União dos Superiores Gerais, que neste ano foram feitas em Ariccia, sobre o tema da "pobreza".

Um último compromisso, um pouco antes da sessão plenária do Conselho, levou-a até Foggia numa nossa presença entre os tóxico-dependentes e em Cerignola para a celebração do 25.º aniversário da Obra (3 a 5 de junho).

4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais

O Conselheiro para a Formação

O Conselheiro para a Formação, P. Paulo Natali, e os membros do Dicasterio, dividiram seu tempo, entre março e maio com estes compromissos:

- ajudados por uma pequena comissão, na última revisão do volume "Il Salesiano coadiutore" (história, aprofundamento teológico-espiritual da sua identidade, pastoral vocacional e formação, agora sendo impresso. É um subsídio pedido pelo CG22 (cf. Doc. 9), dirigido a todos os irmãos, mas de maneira especial aos que tem responsabilidades diretas na pastoral vocacional e na formação;

- na elaboração já iniciada, dos "Sussidi/3: "Itinerari proposti per un insegnamento della storia della Congregazione e della Famiglia salesiana";

- em trabalhos de ministério e nos costumeiros serviços na nossa Universidade;

- nas viagens de animação:

- na Itália, visitando as comunidades formadoras de Pinerolo (noviciado), Nave (pós-noviciado), Turim-Crocetta (e estudantado teológico);

- no Brasil, de 1.º a 22 de abril, visitando sobretudo as comunidades formadoras das seis Inspetorias: São Paulo, Campo Grande, Manaus, Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre; em Campo Grande, em particular, participando da assembléia anual dos formadores do "tirocínio";

- nos Estados Unidos, de 22 a 27 de abril, na Inspetoria de New Rochelle;

- na Espanha, de 7 a 22 de maio, nas Inspetorias de Madri, Córdoba, Sevilha, Valência.

Em todas as Inspetorias, normalmente, houve encontros com os formadores, os professores, onde existem centros de estudo, os jovens na primeira fase da formação, finalmente com os Conselhos inspetoriais e/ou as Comissões de formação.

Em todos os lugares houve a tentativa de um levantamento das situações (objetivos, método, pessoal, estruturas) com os aspectos positivos que apresentam e as dificuldades e os problemas sobre os quais trocaram-se reflexões e indicações para possíveis pistas de solução.

O Conselheiro para a Pastoral juvenil

Encerrada a sessão de dezembro de 1988 — fevereiro de 89, o P. João Vecchi partiu para a Índia onde animou com o Delegado Nacional para a Pastoral Juvenil P. José Kezhakkekara e P. Chrys Saldanha, dois encontros destinados aos Conselhos inspetoriais das seis Inspetorias que trabalham naquele país.

Os encontros se realizaram em Kotagiri e Calcutá. Em ambos foi tratado o mesmo tema: "A animação pastoral da Inspetoria e o Projeto Educativo Pastoral Salesiano".

Continuando esta mesma viagem, o P. Vecchi visitou durante sete dias as nossas obras do Japão. Em seguida passou pela Coreia onde participou da inauguração do novo prédio escolar em Kwangju e teve com os irmãos encontros de informação e troca de idéias.

No final do mês de abril viajou para a Polônia para participar de alguns dias de reflexão sobre o tema "Pastoral e marginalização juvenil", que o nosso Instituto de Pedagogia Cristã de Varsóvia, recém-fundado, organiza para toda a Igreja na Polónia. Participou em seguida de uma reunião de todas as equipes de pastoral das Inspetorias polonesas com a finalidade de coordenar modalidades de comunicação entre as mesmas e sobretudo de reforçar o Centro Nacional de Pastoral, que deveria ser o centro Propulsor da animação e da coordenação entre as quatro Inspetorias e ponto de irradiação da nossa experiência na Igreja.

Realizou depois, com o mandato do Reitor-Mor, a visita extraordinária à comunidade da Casa Geral entre o 17 de abril e o 10 de maio.

A última vigame foi na Áustria, onde nos dias 20 e 21 de maio participou da inauguração da quadra coberta que a comunidade de Unterwaltersdorf coloca à disposição da juventude.

O Dicastério nesse período mandava às Inspetorias o Dossiê PG4 "Pastorale vocazionale salesiana. Vieni e vedi". A resposta das inspetorias foi encorajadora e a edição de 2.000 cópias esgotou-se.

Com o Centro Internacional de Pastoral Juvenil das FMA iniciou-se a preparação de um Congresso europeu de pastoral juvenil salesiana, que terá lugar em Viena no próximo mês de novembro. Para o mesmo foram convidados todos os delegados inspetoriais de pastoral SDB e as coordenadorias FMA, para dar início a uma comunicação e colaboração na área europeia, tendo em vista também as realidades que se apresentarão na primeira década dos anos 90.

Está-se terminando o Dossiê PG5. "Salesiano... come e perché". Trata-se de um estímulo, seguindo a diretiva da Estréia 89, sobre o compromisso vocacional das inspetorias. Reúne os resultados de um questionário ao qual responderam 500 jovens salesianos que entraram no noviciado depois do ano 1984.

O Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

Desde final do mês de fevereiro de 1989 até os primeiros dias de junho o Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação social estava envolvido no seguinte programa:

— Em Manila, nas Filipinas, de 23 de fevereiro a 3 de março, presidiu ao encontro dos comunicadores salesianos da Ásia. Participaram os responsáveis inspetoriais do setor do Japão, da Coreia, da Tailândia, das Filipinas e de Madrás (Índia); com eles se uniram os delegados da Irlanda e de Malta exatamente para estudar uma possível coordenação das diferentes edições impressa na língua inglesa. Estiveram presentes alguns especialistas do lugar e técnicos asiáticos não salesianos. Teve também a oportunidade de visitar algumas estruturas para a comunicação nas Filipinas e em outros

centros onde se trabalha em nível internacional. No conjunto, o encontro foi um momento precioso para avaliar os projetos realizados e para relançar a animação da comunicação seguindo as orientações do documento programático. "Os Salesianos e a comunicação".

De Manila o Conselheiro continuou o programa de visitas que previa contatos com a Família Salesiana em Taiwan, em particular para conhecer o trabalho que se está desenvolvendo em Taipei, na editorial Dom Bosco, e na obra de Tainan.

Pôde também brevemente entrar em contato com o trabalho que se está realizando na Comunicação social e na Família Salesiana em obras da Tailândia.

— Na sucessiva visita ao Japão teve oportunidade de se encontrar com os comunicadores salesianos de Tóquio, com os responsáveis pelos Cooperadores salesianos, juntamente com os delegados SDB e FMA. Encontrou-se também com as Superiores das Filhas de Maria Auxiliadora e das Irmãs da Caridade de Miyazaki. Todos estes contatos foram um estímulo para a consolidação do carisma salesiano no país do Sol nascente.

Durante a visita, teve também a possibilidade de se encontrar com os jovens salesianos em formação, e de conhecer os últimos progressos no campo técnico e tecnológico da imprensa e da televisão japonesa, graças à gentil colaboração de salesianos e ex-alunos do lugar.

— Após a celebração da Semana Santa, em Roma, o P. Cuevas viajou para o Chile para cumprir o mandato recebido pelo Reitor-Mor de realizar a visita canônica extraordinária àquela Inspetoria. Esta o reteve desde 29 de março, dia do

início, até seu encerramento a 31 de maio.

No dia 2 de junho estava de volta a Roma para participar da sessão plenária do Conselho geral.

O Conselheiro para as Missões

Concluída a sessão plenária de inverno do Conselho, o P. Van Looy viajou de Roma para New Rochelle, onde permaneceu alguns dias para estudar a atual situação da Procuradoria Missionária. Visitou também a comunidade dos teólogos de Columbus (Ohio) para depois seguir viagem até o Peru. Há algum tempo desejava visitar estes territórios missionários, mas até aquela data não lhe fora possível. Agora pode visitar e animar o território de Huaraz e de Chacas, para depois estar na missão que a Arquidiocese de Cusco nos confiou. Constatou as difíceis condições nas quais trabalham atualmente os missionários, encontrando-se ele mesmo envolvido nalgumas demonstrações por parte dos Campesinos.

Passou depois quatro dias de animação missionária no Chile, particularmente com os jovens irmãos. Numa rápida visita em Valparaíso quis recordar a importância do sonho de Dom Bosco de 1886.

Na Argentina dedicou antes de tudo dois dias em Buenos Aires, para animar os jovens irmãos e conhecer os ambientes da Boca, onde trabalharam os primeiros missionários. De 12 a 19 de março esteve na Inspetoria de Bahía Blanca. Aí se reuniu com 26 missionários SDB e FMA em Junín de los Andes para estudar a realidade e o futuro das missões entre os Mapuche.

De volta a Roma depois de dois dias, viajou para a Coréia, com o P. Juan Vecchi. Aí teve a honra de

cortar a fita na inauguração da nova sede da escola de Kwangju, no Sábado Santo. Ficou na Coréia por quatro dias e depois se trasladou para a Tailândia.

Em Hua Hin, na Tailândia, de 29 de março a 4 de abril, participou de um encontro com 15 missionários SDB e FMA do Extremo Oriente para estudar o tema: "Culturas, Religiões e Evangelização no Extremo Oriente". Nos dias 5 e 6 de abril visitou dois campos de refugiados, Cambojanos e Vietnamitas, perto de Arenyapraphet, onde os Salesianos e ex-alunos da Tailândia iniciaram cursos de formação profissional para os jovens.

O Conselheiro para as Missões teria desejado estar na Birmânia, mas não conseguiu obter o visto de entrada; aproveitou assim a ocasião para fazer uma visita aos irmãos do Sri Lanka.

De volta a Roma, passou aí uma semana. Participou em seguida da Conferência Ibérica, em Campello, na Inspetoria de Valência (Espanha), para estudar com os Inspectores e os Delegados da Região o caminho da formação na África.

Do dia 23 de abril a 1.º de maio esteve na Guiné Equatorial, onde visitou as missões de Bata, Miko-meseng, Malabo e Banapá.

Da Guiné Equatorial viajou para Groot-Bygaarden (Bélgica), onde de 2 a 6 de maio presidiu à reunião anual dos Procuradores de 14 países. Tratou-se da colaboração com os Governos e com a Comunidade Européia (CEE), e foram estudados os sistemas de financiamento com a ONG (Organização Não Governamental).

Esteve em seguida, nos dias 8 e 9 de maio, na Holanda, onde se entreteve com o Conselho inspetorial e visitou algumas casas.

Nos dias 15 e 16 de maio esteve no Colle Don Bosco e em Turim para um encontro com os encarregados do Museu missionário e com os responsáveis pelos serviços missionários de Valdocco.

Nos dias 20 a 26 de maio, com o Inspetor P. Filiberto Rodriguez, fez uma visita de animação às Casas da Inspetoria de León. (Espanha), concluindo o seu itinerário em Santiago de Compostela, onde já se está preparando os ambientes para a acolhida dos jovens que se reunirão com o Papa no mês de agosto.

Na sua viagem de Roma a León passou também uma tarde em Barcelona.

Nos dias 26 a 29, na casa inspetorial de Madri, presidiu a reunião dos Delegados inspetoriais da animação missionária das Inspetorias da Europa. O tema principal tratava da relação com o sentido e a especificidade das Missões, bem como a avaliação da animação missionária nas Inspetorias, com a necessária programação. Participaram do encontro 38 delegados inspetoriais de 23 Inspetorias.

Após este encontro P. Van Looy voltava para Roma.

O Ecônomo geral

O dia 25 de fevereiro o Ecônomo geral encontra-se em Mestre (Veneza), na localidade de Gazzera, para apresentar a nova Obra salesiana para a formação dos jovens destinados ao mundo do trabalho e encontra as autoridades civis e eclesásticas da Região Vêneto e da Cidade de Veneza presentes à cerimônia.

No dia 18 de março assiste à inauguração da quadra coberta "Dom Bosco" nas dependências do Instituto S. Lourenço de Novara.

Na cidade de Como, a 29 de março, celebra a Missa de encerramento do Capítulo da Inspetoria Lombardo-Emiliama.

Nos dias 15 e 16 de abril aceita o convite para festejar os 50 anos da presença salesiana de Nava (Bréscia).

Entre o 24 e o 30 de abril visita a Inspetoria da Áustria onde encontra Diretores e Ecônomo nas casas de Viena-Unter St. Viet. de Linz e de Klagenfurt. Ao mesmo tempo passa por quase todas as Casas da Inspetoria.

Do dia 8 ao dia 11 de maio acompanha o Reitor-Mor na visita a Split, Zadar e Rijeka, na Inspetoria de Zagreb. Passa depois por Trieste para ilustrar a Obra salesiana daquela cidade, quando o Reitor-Mor foi acolhido pelo Inspetor, o Conselho inspetoria e todos os Diretores da Inspetoria Vêneto S. Marcos.

O Conselheiro para a Região América Latina — Atlântico

Desde o final de fevereiro até à metade de maio o P. Carlos Techera fez a visita extraordinária à Inspetoria "Maria Auxiliadora de São Paulo. É a Inspetoria mais numerosa da Região do Atlântico Sul, primeira sede inspetorial da presença salesiana no Brasil, de onde saíram 17 bispos (seis dos quais já falecidos). Esta Inspetoria possui também a responsabilidade jurídica sobre Angola, missão confiada à inteira Região Atlântico, onde trabalham 20 irmãos em quatro comunidades: este país será visitado durante o próximo mês de agosto.

Durante a visita o Conselheiro pôde perceber a estima dos Bispos pelo trabalho salesiano, especialmente aquele desenvolvido em favor da juventude mais necessitada: há várias iniciativas neste campo.

Nestes meses foram feitas também as reuniões das duas Conferências inspetoriais, aquela do Brasil e aquela do Prata. Em ambas estudou-se o importante tema: "Os Salesianos e a Comunicação social": a este respeito funcionam duas consultas inter-inspetoriais, para levar adiante esse discurso nas Inspetorias. No Brasil houve também uma troca de idéias sobre as experiências no processo de redimensionamento nas Inspetorias; enquanto nas duas Conferências inspetoriais houve também uma troca de informações sobre como foi colocada em prática a Estréia sobre a pastoral vocacional e a preparação aos Capítulos inspetoriais.

Feitas as reuniões conclusivas da visita aos Diretores, com a Comissão inspetorial de Pastoral e, no dia seguinte, com o Conselho inspetorial, nos dias 23 e 24 de maio o Regional participava das celebrações de Maria Auxiliadora em Turim, agradecendo à Nossa Senhora e invocando suas bênçãos sobre as necessidades dos irmãos e de toda a Família Salesiana que trabalha nas 13 Inspetorias da Região.

Voltava a Roma na quinta-feira, 25 de maio, para preparar a sessão plenária do Conselho geral.

O Conselheiro para a Região América Latina — Pacífico-Caribe

O Conselheiro regional P. Ignácio Velasco saiu de Roma logo após os Exercícios espirituais, para a Inspetoria da Venezuela, onde devia acompanhar o Reitor-Mor, que vinha pregar os Exercícios espirituais aos Diretores daquela Inspetoria.

Durante a mesma semana esteve por três dias na Ilha de Santo Domingo. Aí encontrou-se com o Sr. Inspetor, com o Conselho inspetorial, com a Delegação Salesiana do

Haiti e com alguns irmãos desta nação. Tratava-se de apresentar as orientações e as conclusões a que chegara o Reitor-Mor com o Conselho geral em relação ao futuro imediato da Delegação do Haiti, após os acontecimentos já conhecidos de todos.

Houve uma consideração muito serena e fraterna dos fatos, que criaram tanto sofrimento nos meses passados. Isto contribuiu para dar novo impulso e confiança à organização da vida salesiana no Haiti.

O Regional depois voltou à Venezuela para acompanhar o Reitor-Mor na sua visita à Ilha de Cuba: iniciando por Santiago de Cuba, cidade situada no extremo leste da ilha, visitou-se sucessivamente Camagüey, Santa Clara e La Havana. Em todos aqueles lugares houve encontros com os irmãos que aí trabalham, com as Filhas de Maria Auxiliadora, com jovens e com membros da Família Salesiana.

Terminada a visita a Cuba, que tinha um significado especial para os Salesianos que vivem e trabalham naquela difícil situação com o espírito de Dom Bosco, o Regional deu início à visita extraordinária à Inspetoria "Divino Salvador", que compreende as nações do Centro América e do Panamá.

A visita começou pela República da Nicarágua, onde houve o encontro inicial com o Conselho inspetorial ao completo.

Depois tentando levar até o fim todos os compromissos, o Visitador continuou a visita país por país: Panamá, Costa Rica, Honduras e, finalmente, El Salvador, sede da Inspetoria.

Desta maneira a visita canônica foi concluída por volta do final de maio.

Em seguida o Regional fez uma breve visita, de alguns dias, à sede inspetorial de Medellín, na Colômbia, e às comunidades formadoras do Rio Negro e de La Ceja.

Depois de dois dias de permanência, voltou a Roma.

O Conselheiro para a Região de Língua Inglesa

Não tendo visitas extraordinárias a fazer, durante o período março-maio de 1989, o P. Martin McPake passou estes três meses visitando e animando todas as partes da Região, com exceção da Austrália e das Ilhas Samoa.

Iniciou as suas viagens pela Visitadoria da África Meridional, recentemente erigida, passando por todas as comunidades nos três países que constituem esta nova circunscrição. Apesar das dificuldades inerentes à complexa situação, devida também a problemas que existem em cada um dos países, o "apartheid" na República da África do Sul, por exemplo, o Regional pensa que pode-se esperar um bom futuro nestes países. Notou sobretudo o espírito de unidade que reina entre os irmãos, o forte impulso catequético em toda a Visitadoria, a coragem apostólica que se nota em combater a segregação racial (45% dos garotos em Daleside são de cor), a sabedoria e a criatividade do Conselho da Visitadoria. Anima o fato de que sete jovens estão se preparando, durante a visita, para entrar no Noviciado.

Da África do Sul, passando por Roma, o Regional viajou logo em seguida para os Estados Unidos e para o Canadá. Nas seis semanas de permanência naqueles países, teve que limitar as suas visitas às casas inspetoriais e aos Centros de Formação. Foi esta uma necessidade

imposta pela extensão geográfica dos lugares, mas também pela preocupante diminuição numérica dos jovens em todas as fases formativas.

Com particular interesse estudou-se a situação que se criou em Newton, na Inspetoria de New Rochelle. Durante mais de 60 anos este Centro serviu muito bem as Inspetorias, formando quase todos os salesianos de língua inglesa e francesa que trabalham hoje na América do Norte. Ora a diminuição, bastante drástica, do número dos noviços e dos pós-noviços obrigou a um redimensionamento de todo o ciclo da formação. Por sorte na partilha e no estudo da situação com os responsáveis, o Regional foi ajudado, durante alguns dias, pelo Conselheiro para a Formação, P. Paulo Natali. Ora, no final de várias reuniões e com o apoio dos dois Conselheiros gerais, foram tomadas algumas decisões, com um olhar voltado para um novo e promissor futuro.

Da América do Norte o Regional passou para a Irlanda, onde ficou uma semana antes de partir para uma visita um pouco mais demorada ao Reino Unido. Nestas duas Inspetorias procurou visitar todas as casas salesianas, inclusive as das FMA. Participou de diferentes reuniões; esteve presente a uma jornada da Família Salesiana e recebeu as promessas dos novos Cooperadores. Nas duas Inspetorias nota-se o alto grau de cooperação que existe entre os vários grupos da Família Salesiana. Infelizmente percebe-se o reduzido número de vocações: trabalha-se com sacrifício para encontrar as soluções.

Depois de ter celebrado a festa de Maria Auxiliadora na sua Inspetoria de origem, o Regional voltou para Roma.

O Conselheiro para a Região Ásia

O Conselheiro regional para a Ásia, deixou Roma a 19 de fevereiro. Este contato foi mais demonstrativo na nova escola "Dom Bosco", em Alaknanda. Esta escola na capital pode ser considerada uma verdadeira graça de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco: já há quase vinte anos, de fato, os Salesianos pensavam fundar uma escola em Nova Delhi, mas só recentemente pôde ser realizada. Deve-se lembrar também como, através do incansável trabalho dos ex-alunos, e particularmente pelo trabalho do chefe dos ministros Purna Sangma do Meghalaya, o estado do Norte da Índia, e dos befeitores desta escola, os Salesianos obtiveram de Rajiv Gandhi a emissão do selo comemorativo de Dom Bosco na Índia.

No dia 22 de fevereiro o P. Thomas Panakhezam iniciava a visita extraordinária à Inspetoria "Maria Auxiliadora" de Guwahati. É uma Inspetoria do Noroeste da Índia, marcadamente missionária. O visitador pôde constatar o grande trabalho, cheio de dedicação e sacrifício, dos irmãos, o amor pela evangelização voltada à construção da Igreja local. Nesta Igreja jovem há boas vocações. A visita foi concluída a 6 de maio.

Durante a visita o Conselheiro presidiu também a reunião da Presidência da Conferência inspetorial indiana (12-13 de março). Foram tratados vários argumentos: a revisão de um esboço para a formação dos pós-noviços em nível nacional, uma programação detalhada do curso de Formação permanente, que terá início em Bangalore no mês de janeiro de 1990, o projeto de estruturação regional para os Cooperadores na Índia, a nomeação do secretário da Conferência à nor-

ma dos Estatutos e, finalmente, uma informação sobre os ex-alunos.

No dia 7 de maio o Regional participou da celebração eucarística em Bandel (Calcutá), quando o pró-núncio para a Índia, dom Agostinho Cacciavillan, declarou "Basilica menor" a Igreja dedicada à Nossa Senhora da Boa Viagem.

No dia 8 de maio viajou até Hong Kong para a consulta com vistas à nomeação do Inspetor. Por isso fez visita a todas as comunidades de Hong Kong e Macau.

A etapa final da viagem do Regional foi dedicada aos irmãos do Vietnã. Com o P. Mateus King, vicário inspetorial de Hong Kong, pôde visitar — do dia 16 a 23 de maio — todas as comunidades e encontrar os irmãos. São 86 salesianos e 7 noviços. Todos estão bem e agradecem pelas orações e os sacrifícios oferecidos por eles, que pedem sejam continuados. Há vários deles, entre os quais alguns diáconos, que já faz uns anos esperam a ordenação sacerdotal. É verdadeiramente admirável a sua fidelidade à Igreja e à Congregação. É um dever agradecer às autoridades civis locais de Ho Chi Min City (Saigon) e de Cam Dung pela sua acolhida e gentileza.

O Regional voltava para Roma no dia 25 de maio.

O Conselheiro para a Europa e a África Central

Entre os diferentes compromissos do Regional para o Centro da Europa, durante o período março-maio p.p., o que mais o manteve ocupado foi a viagem que o levou no Zaire, Rwanda e Burundi. Era a quarta vez que ele tomava contato com a Inspetoria da África Central, para realizar a visita extraordinária em nome do Reitor-

Mor. Este contato foi mais demorado do previsto. A visita, que devia se concluir a 25 de maio, prolongou-se até o dia 11 de junho. Isto foi devido em grande parte a um erro de cálculo: na África não é suficiente medir as distâncias calculando os quilômetros, mas é preciso temperá-las com a pimenta dos contratemplos, o sal da esperança e o azeite da paciência!

O Conselheiro para a Região Ibérica

Logo que terminaram os Exercícios Espirituais do Conselho geral (18 de fevereiro), o P. José Antônio Rico viajou para a Espanha, onde no dia 20 iniciou, com a reunião do Conselho inspetorial e das Comissões inspetoriais, a visita extraordinária à Inspetoria de Córdoba, que teria continuado até o 14 de maio.

No dia 28 de fevereiro assistiu à conclusão do Capítulo inspetorial, celebrado em Granada.

Depois de ter visitado as três comunidades das Ilhas Canárias, viajou para o Togo, onde esta Inspetoria mantém, juntamente com a de Sevilha, três casas: duas em Lomé e uma em Kara. O Visitador ficou mais tempo na comunidade formadora de Lomé, onde estão 11 noviços e 10 neo-professos. Durante a visita em Lomé entregou a medalha do Centenário de Dom Bosco ao Arcebispo, Dom Robert Casimir Dosseh-Anyron, agradecendo-o pelo seu carinho pelos filhos de Dom Bosco.

Esteve também no Benin, para saudar os irmãos de Cotonou e de Portnovos, pertencentes à Inspetoria de Bilbao.

De volta à Espanha, encontrou-se para informá-los sobre a situação das nossas casas no Togo. Aproveitou também para dedicar algumas

horas aos noviços de Sanlúcar la Mayor.

Continuando a visita às casas da península, participou da Assembléia inspetorial dos Cooperadores (Córdoba, 16 de abril), do Conselho Regional dos Ex-alunos (Pozoblanco, 23 de abril) e da XVI Assembléia inspetorial das Associações de Maria Auxiliadora (Córdoba, 30 de abril).

Nos dias 20 e 21 de abril reuniu a Conferência Ibérica, com a presença do Conselheiro para as Missões. P. Luc Van Looy, do Inspetor de Paris, P. Gérard Balbo, e do Mestre dos noviços de Lomé, P. Antônio César Fernandes, para tratar o tema da formação salesiana do pós-noviciado de Lomé.

Quase no final da visita, a 9 de maio falecia improvavelmente o Inspetor de Bilbao, P. Federico Hernando. O Regional viajou então para Bilbao, juntamente com o Inspetor de Córdoba, para confortar os irmãos e tomar parte ao solene funeral.

Nos últimos dias da visita extraordinária, o Regional reuniu o Conselho inspetorial (presente também o Conselheiro para a Formação, P. Paulo Natali, em visita às comunidades formadoras).

A 13 de maio foi celebrada a festa da Comunidade Inspetorial, com grande participação de irmãos. A 14 de maio, Solenidade de Pentecostes e aniversário da renovação da profissão na Congregação, houve a reunião dos Diretores, com a Eucaristia e o almoço familiar, com a qual terminava a visita extraordinária.

Nos dias 15 a 24 de maio, o Conselheiro Regional viajava até Orense, para pregar a novena de Maria Auxiliadora na nossa grande paróquia.

No dia 25, festa do Corpo de Deus, participava em Madri, do 60.º aniversário de sacerdócio do P. Aniceto Sanz Yagüe; e nos dias seguintes, com o P. Van Looy, da reunião dos animadores missionários da Europa, chegados a Madri.

No final de maio voltava para Roma.

O Conselheiro para a Itália e o Médio Oriente

Depois da solene conclusão do ano centenário da morte de Dom Bosco e da audiência pontifícia do 4 de fevereiro, o P. Luís Bosoni esteve em Vico Equense (Nápoles) para os Exercícios espirituais com o Conselho geral e com os Inspetores da Itália e do Médio Oriente.

Participou em seguida do encontro do setor da formação salesiana sobre o tema do tirocínio, onde estava prevista sua intervenção.

A 23 de fevereiro, em nome do Reitor-Mor, começava a visita extraordinária à Inspetoria Meridional "Bem-aventurada Miguel Rua", com sede em Nápoles, que o teria ocupado até o dia 1.º de junho, permitindo-lhe o encontro com os Salesianos e com as Obras salesianas da Calábria, da Púbia, da Basilicata e da Campânia. Teve também a possibilidade de estar presente na abertura do Capítulo inspetorial e ao confronto juvenil regional e inspetorial.

Interrompeu a visita só por alguns dias em Roma na Semana da Páscoa e para a Assembléia da Conferência das Inspetorias salesianas da Itália, realizada de 19 a 21 de maio, sobre o tema da Família Salesiana, e em seguida pela Presidência da CISI sobre o esporte nas Casas salesianas e do "curatorium" do noviciado de Lanúvio.

A 2 de junho, festa do Sagrado Coração, estava de volta a Roma para a prevista retomada da sessão plenária do Conselho geral.

O Delegado Reitor-Mor para a Polónia

O P. Augusto Dziedziel, Delegado do Reitor-Mor para a Polónia, durante o período março-maio 1989, realizou visitas de animação nas comunidades salesianas e com os grupos da Família Salesiana.

Participou da inauguração dos Capítulos inspetoriais das Inspetorias de Wroczaw e Piza

Também acompanhou o Conselho para a Pastoral juvenil, P. Juan Vecchi, na visita à Polónia e, em particular, no Simpósio realizado em Varsóvia, sobre os problemas dos jovens marginalizados e, sucessivamente, no Encontro dos Delegados nacionais e inspetoriais da Pastoral juvenil.

Reuniu e presidiu, ainda, a Consulta das Inspetorias Salesianas da Polónia; com os Inspetores teve depois curto encontro.

Teve também a possibilidade de fazer uma visita de animação e coordenação nos países ao Leste da Polónia.

Em seguida viajou para a Uganda, ficando alguns dias em Roma. Na Uganda teve encontros com as autoridades eclesiais em relação à primeira presença salesiana naquele país e o sucessivo desenvolvimento das obras de Dom Bosco. Pregou também os Exercícios espirituais ao primeiro grupo de irmãos que trabalham em Uganda.

De volta, passou brevemente pelo Quênia, visitando algumas comunidades salesianas.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Aprovação do texto próprio para a Profissão Religiosa da nossa Sociedade

No dia 6 de maio de 1989, festa de São Domingos Sávio, a Congregação para o Culto Divino e os Sacramentos aprovou o texto próprio do Ritual da Profissão Salesiana, que foi oportunamente revisto após a aprovação das Constituições pela Sé Apostólica.

Apresentamos aqui, a nossa tradução em língua portuguesa.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO
DIVINO E PARA A DISCIPLINA
DOS SACRAMENTOS
Prot. 933/87

SOCIEDADE DE

SÃO FRANCISCO DE SALES

Com pedido do Reverendíssimo
P. Egidio Viganó, Reitor-Mor da
Sociedade de São Francisco de Sa-
les, em carta do dia 9 de julho de

1987, em virtude das faculdades atribuídas a esta Congregação pelo Sumo Pontífice João Paulo II, de boa mente aprovamos e confirmamos o *texto próprio do Ritual da Profissão Religiosa* da mesma Sociedade, redigido em língua italiana.

Na impressão do texto seja inserido integralmente este Decreto, com o qual é concedida pela Sé Apostólica a aprovação pedida.

Do texto impresso, duas cópias sejam enviadas a esta Congregação.

Esta aprovação tem valor apesar de qualquer outra disposição em contrário.

Redigido na sede da Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos, no dia 6 de maio de 1989, na Festa de São Domingos Sávio, adolescente.

Eduardo card. Martinez

Prefeito

Virgílio Noé

Arceb. tit. de Vancaria

5.2 Irmãos falecidos (1989 — 2.º elenco)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não pouco sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. 94).

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	ISP	
P ACERBI Francesco	Shindenbaru, Oita	13-06-89	68	GIA
P ANDREATTA Albert	Surrey (Canada)	11-03-89	66	SUO
P BALZANO Ricardo Bonifacio	Córdoba	04-04-89	80	ACO
P BARRIO ORTE Angl (del)	Valencia	23-04-89	56	SVA

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP	
P BELZA Juan Esteban	Buenos Aires	01-05-89	71	ABA
P BORT Pio	Verona	12-06-89	56	IVO
P CABRIA Ercole	Torino	10-06-89	74	INE
P CALVENZANI Enrico	Verona	22-04-89	92	IVO
P CAMERONI Arolfo	Torino	23-03-89	76	ICF
L CAPON Jan	Lubumbashi	16-03-89	80	AFC
P CARLO Ju	Cuenca	19-03-89	71	ECU
P CASTENETTO Cipriano	Mogliano Veneto	31-01-89	69	IVE
P CUTILLAS GARCIA Luis	Barcelona	21-02-89	94	SBA
P DAL MASO Atoni	Castello di Godego	15-06-89	80	IVE
P DETHEIER Je	Bruxelles	14-03-89	80	AFC
L DI MAIO Giusppe	Castellamare di Stabia	26-04-89	79	IME
E DI PIETRO José Carma				
Foi Bispo de Sanzonate por 3 anos	Sonzonate (El Salvador)	29-05-89	60	
P DROZD Aleksander	Lódz	26-04-89	81	PLE
P PINHO NAVARRO Juan	Barcelona	09-04-89	87	SBA
P PINHO Manuel Júlio de Bastos	Lisboa	13-05-89	62	POR
Foi inspetor por 6 anos				
P PITTINI Paolo	Montevideo	27-03-89	86	URU
P POLENGHI Romolo	Arese	10-05-89	85	ILE
P POOTHARA Anthony	Guwahati	01-06-89	49	ING
P RECCHIA Giovanni	Castellammare di Stabia	19-04-89	78	IME
L REMY Pierre	Leuze-en-Hainaut	25-01-89	79	BES
P REZENDE Ronaldo	Araçatuba	21-02-89	47	BCG
P RICCIERI Luigi	Castellammare di Stabia	14-06-89	88	ICE
Foi por 7 anos Inspetor, por 12 anos Conselheiro do Conselho Superior e por 12 anos Reitor-Mor				
L RINALDI Alfred	West Haverstraw	29-05-89	74	SUE
P SHERIDAN Lawrence	Bootle	19-05-89	74	GBR
P SKRZYPCZYK Józef	Kraków	22-05-89	77	PLS
L TAPIA CASTILLO Jorge	Iquique	04-05-89	83	CIL
S THURUTHEL James	Ravulapalem	20-05-89	28	INK
P TOMASELLI Giuseppe	Messina	09-05-89	87	ISI
P TORRES SÁEZ Mariano	Barcelona	11-06-89	80	SVA
P TRANCASSINI Francesco	Alessandria d'Egitto	16-03-89	81	MOR
L TWENHÖVEL Arnold	Vechta	04-06-89	81	GEK
L VAN WIGGEN Kees	Leusden	12-05-89	73	OLA
P VEDANI Angelo	Torino	11-04-89	81	ISU
P VERONA Giovanni	Gussago (Brescia)	07-06-89	74	SUE
P VIDELA Juan Carlos	Bahia Blanca	14-03-89	81	BBH
P D'SOUZA Victor	Bombay	14-06-89	67	INB
P DUROURE João Baptista	Campo Grande	04-04-89	92	BCG
P FALLICO Nunzio	Marsala	27-05-89	81	ISI
L FIGLHUBER Johann	Fulpmes	11-04-89	77	AUS
P FLECCHIA Andrea	Lanzo Torinese	09-06-89	68	ISU
P FUGLIK Vojtech	Borova'u Policky	31-03-89	69	CEP
P GILARDI Nereo	Brescia	27-03-89	77	IVO

66 ATOS DO CONSELHO GERAL

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP	
P HERNANDO CONDE Federico Foi Inspetor por 2 anos	Bilbao	09-05-89	59	SBI
P HERNÁNDEZ HURTADO Jerónimo	Valencia	26-03-89	77	SVA
P JIMÉNEZ SÁEZ Aurelio	Bonao (Rep. Dominicana)	25-05-89	46	ANT
L LAKRA Samuel	Guwahati	24-05-89	79	ING
L LANGAN Edward	Manchester	22-04-89	69	GBR
P LE GOFF Joseph	Pouillé	25-02-89	78	FPA
P LEHAEN Jozef	Boortmeerbeek	28-05-89	79	AFC
L LIS Stefan	Warszawa	29-03-89	77	PLE
P LIVESEY John	Brooklyn Park	21-05-89	75	AUL
L LIZARRALDE URÍA José	Urnietá	14-02-89	77	SBI
L MALINA Władysław	Sokół Podlaski	05-02-89	87	PLE
P MAZIAR Romano	Roma	20-05-89	66	IRO
P MEDINA SEVILLANO Pacifico	Barcelona	01-06-89	77	SCO
P MEULENYSER Charles	Caen	08-06-89	87	FPA
P MUCELLI Nicola	Cagliari	22-03-89	60	ISA
P NUÑEZ Ernesto	La Linea de la Concepc.	01-05-89	66	SSE
P OLMÍ Franco	Parma	30-05-89	74	ILE



salesianas

Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 279-1211
Mooça - São Paulo - S.P.

